

POP-SE

mapeou 100

arquitetos

e designers

negros que

despontam

no cenário

brasileiro.

Conheça-os

já!

Ao longo dos últimos meses, conversamos com mais de uma centena de profissionais atuantes no cenário brasileiro da arquitetura para identificar seus desejos, anseios e dificuldades num mercado de pouquíssimas oportunidades para gente preta

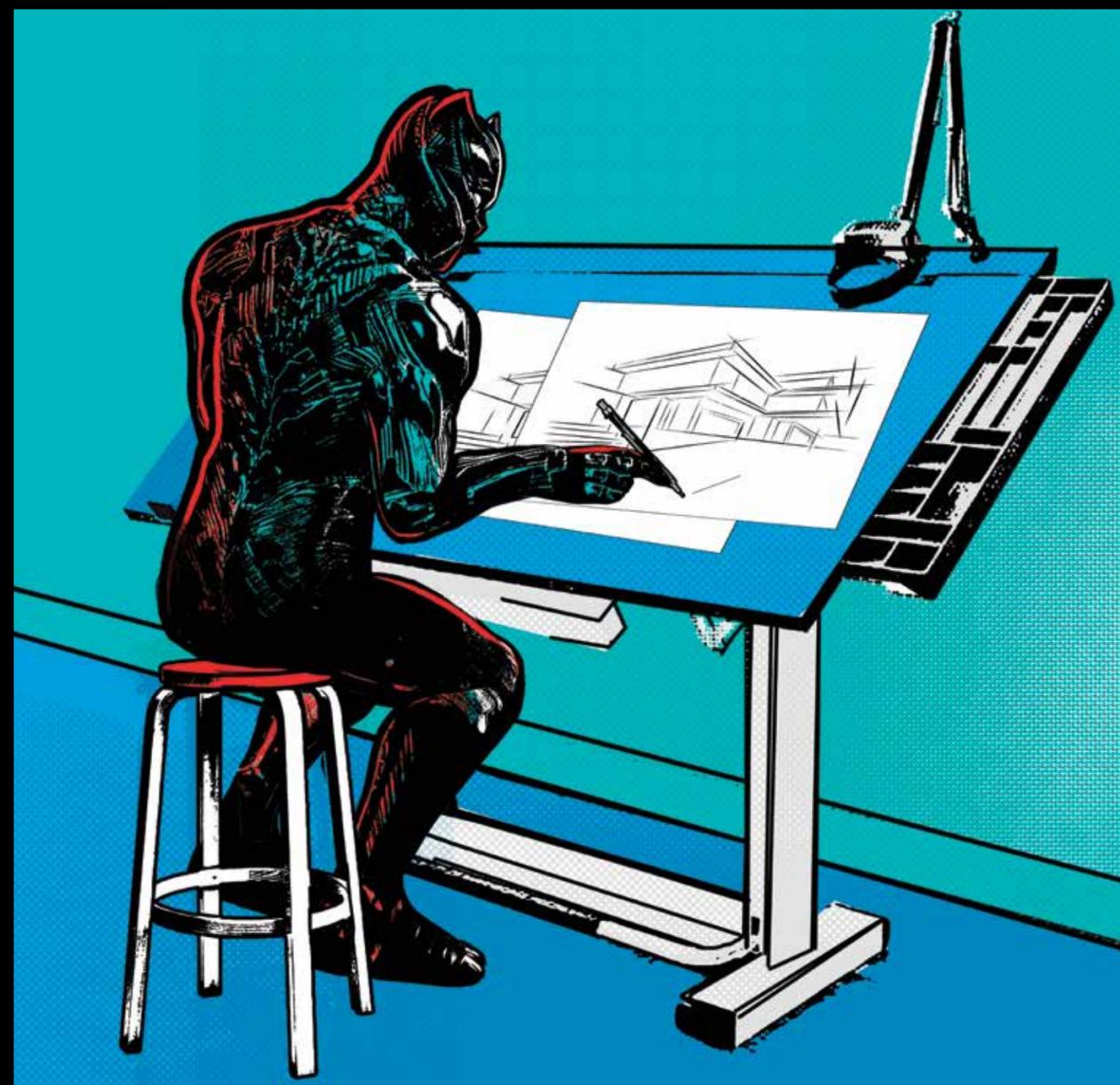
TEXTO + CURADORIA_ANA PAULA DE ASSIS
ILUSTRAÇÕES_DAVI AUGUSTO

Foram meses entre pesquisas e entrevistas para identificar uma amostragem composta por 100 nomes, entre arquitetos e designers de interiores, de estilos e trabalhos diversos, do Oiapoque ao Chuí, que fazem parte desta série Arquitetura x Racismo. Muito antes do movimento #BlackLivesMatter estar em voga, o fato de eu trabalhar há quase duas décadas na cobertura de arquitetura, interiores e design nas principais revistas do circuito levou-me ao questionamento: onde estavam os profissionais de mesma tonalidade de pele que a minha nesse mercado? Ao investigar com mais profundidade pude constatar que, tal como na nossa sociedade, a área também é impactada pela chaga do racismo estrutural: o sistema sofisticado que hierarquiza as relações de poderes e precariza as possibilidades dos pretos que estão na base. O modus operandi é herança direta dos três séculos de escravidão no Brasil. Vale ressaltar que para falarmos sobre arquitetura e urbanismo também temos que entender como a Lei de Terras de 1850 – a burocracia que transformou a terra em mercadoria no apagar das luzes do tráfico escravagista. O decreto garantiu posse aos antigos latifundiários e também para os trabalhadores imigrantes assalariados que chegariam ao país com viagem custeada pelo Estado brasileiro, para substituir a mão de obra escravizada negra. Esta lógica perversa fez com que nós, pretos, partíssemos sem lenço e nem documento, sem direito à reivindicação por um pedaço de chão. É importante olharmos para o passado para entender esta enorme fenda do presente, e para que também tiremos a tal meritocracia de nossos vocabulários, uma vez que estamos em pontos de partida distintos no que tange aos espaços de poder ou acesso à educação de boa qualidade e vestibulares para as carreiras consideradas de prestígio – como é o caso da Arquitetura. O racismo nestas escolas reflete a lógica elitista, branca e machista da profissão que conta com 466 cursos de Arquitetura e Urbanismo concentrados, majoritariamente, nas regiões Sudeste e Sul do país. Recentemente estive na inauguração da exposição “Infinito Vão: 90 Anos de Arquitetura Brasileira”, no Sesc 24 de Maio, SP, com curadoria de Fernando Serapião e Guilherme Wisnik. A mostra faz um recorte curatorial que compreende desde os anos 1920 – a partir da Semana de Arte Moderna de 1922 – até os dias atuais e exhibe trabalhos de nomes expressivos do movimento como Lina Bo Bardi, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Gregori Warchavchik, Affonso Reidy, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, João Filgueiras (o Léle), entre tantos outros importantes. Senti falta das referências aos saberes vernaculares, dos povos originários ou do Modernismo africano, que tanto influenciaram alguns des-

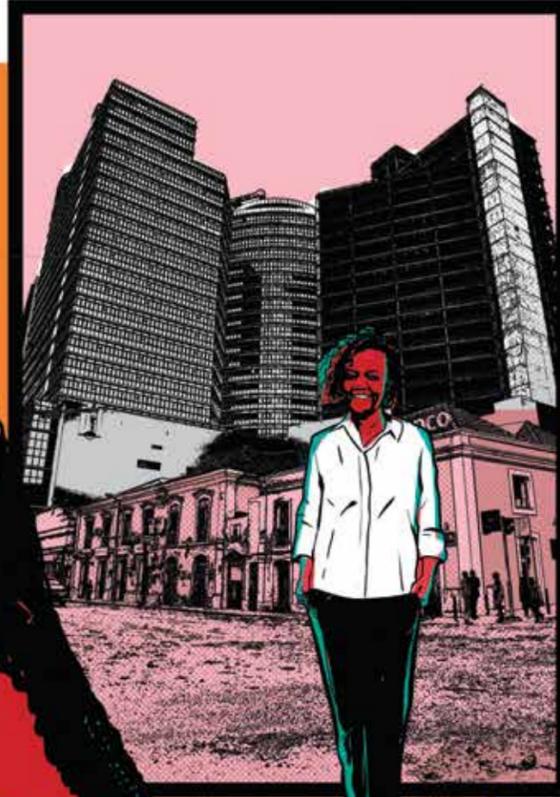
tes profissionais e não chegaram a ganhar um simples verbebe na mostra. A Oca de Niemeyer, no Parque do Ibirapuera, um dos marcos do gênero, é um evidente exemplo de flerte com a estética das casas indígenas. Também não foi digna de nota a importância de Joaquim Pinto de Oliveira (1721-1811), o Tebas, um escravizado que subsidiou a própria alforria, aos 57 anos, ao edificar a primeira Torre da Igreja da Sé, em São Paulo. Foi apenas em 2018 que ele foi considerado o primeiro arquiteto de São Paulo no período do Brasil-Colônia. A ideia não é gongar ou desmerecer a importância de Le Corbusier ou da alemã Bauhaus, e sim trazer para o debate, em âmbito acadêmico, e também fora dele, o acesso às correntes e aos estilos não eurocêntricos com o intuito de termos uma pluralidade mais efetiva no raciocínio arquitetônico. Em 1951, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa (1902-1998) publicou um texto intitulado “Depoimento de um arquiteto carioca”, no jornal Correio da Manhã, em que dizia: “A máquina brasileira de morar, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisas, de bicho e de gente, que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador. Mesmo depois de abolida a escravidão, os vínculos de dependência e os hábitos cômodos da vida patriarcal de tão vil fundamento perduraram, e, durante a primeira fase republicana, o custo baixo da mão de obra doméstica ainda permitiu à burguesia manter, mesmo sem escravos oficiais, o trem fácil da vida do período anterior”. Segundo o pesquisador Bruno Cesar Euphrasio de Mello, no texto “E o negro na arquitetura brasileira?”, Lúcio Costa – referência máxima do Modernismo nacional – deixa evidente que a negritude não participou com formas, elementos ou técnicas construtivas. Com a abolição e o “desaparecimento formal” da escravatura, a habitação teve que reformular seu programa de necessidades e suas áreas, que resguardavam ao negro não o papel de planejador e construtor, que aplica expertises da sua cultura na terra nova, mas sim de um serviçal que opera o meio de funcionamento da casa. O motivo de falarmos em diversidade negra na arquitetura é também para abolirmos a ideia ainda muito vigente nos projetos do quartinho da empregada, às vezes especificado como depósito, recorrente como uma senzala contemporânea. Conheça os heróis da resistência que estão tentando mudar essa história.

PRANCHETAS NEGRAS

DOS VETERANOS AOS JOVENS TALENTOS, CONFIRA OS 100 NOMES, ENTRE ARQUITETOS E DESIGNERS DE INTERIORES, QUE COMPÕEM UMA PEQUENA RADIOGRAFIA DA ARQUITETURA PRETA BRASILEIRA MAPEADA ESPECIALMENTE PARA UM MANIFESTO QUE CONTINUA EM CADA CONTA DE INSTAGRAM APRESENTADA AQUI. É HORA DE SEGUIR - E PRESTIGIAR - ESSES VERDADEIROS HERÓIS DA RESISTÊNCIA QUE ROMPEM BARREIRAS PRATICAMENTE INTRANSPONÍVEIS DE UM MERCADO ESTRUTURALMENTE SEGREGADOR



GABRIELA DE MATOS (@GABDEMOTOS | @ARQUITETASNEGRAS)

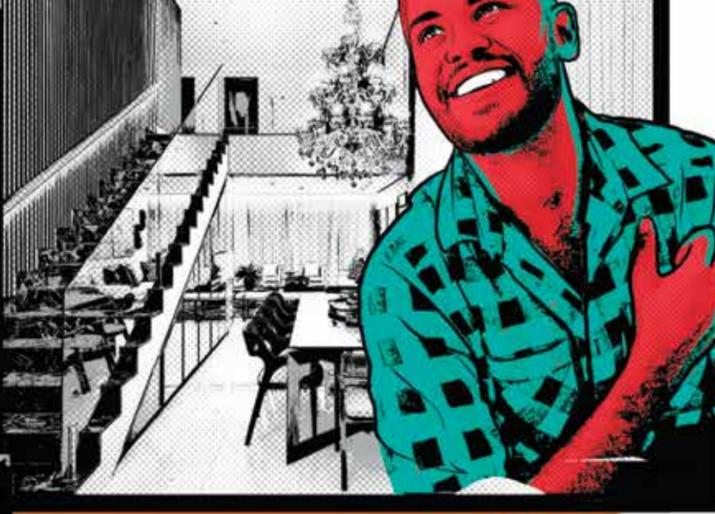


CAREN SILVA (@CAREEN)

WESLEY LEMOS (@ARQUITETO_WESLEYLEMONS)



AUDREY CAROLINI E THAMIRIS MENDES (@ARQ7AB)



FILIFE CADY (@STUDIOCADY | @FILIPECADY)

POLLY MAGALHÃES (@POLLYMEDMA)



THAISE MACHADO + THIARLES BATISTA (@ARQUITETAPRETA | @THIARLES_ODESIGNER | @IBKARQ)



HENRIQUE MAGNO (@HENRIQUEMAGNOARQUITETURA)



CINTHIA ROSA (@QUATLARO)



BIANCA TEREZA (@BIANCATEREZA)



Gabriela de Matos
@gabdematos
@arquitetasnegras

Precursora – e dona de um dos cursos mais afinados –, a mineira de Governador Valadares está fixada na capital paulistana. Desde 2014, a arquiteta mantém o escritório Brandão de Matos, QG de onde articula plantas em várias escalas, do desenho de mobiliário à arquitetura de interiores. A profissional também é fundadora do Projeto Arquitetas Negras, configuração criada em 2018. Polivalente, Gabi também atua como vice-presidente do IAB-SP e leciona na Escola da Cidade.

“Infelizmente a arquitetura ainda é um curso muito elitista. Considero este fator um grande atraso e um desperdício no que tange ao pensamento e a produção arquitetônica que surgem a partir desta deficiência na formação. Assim como em muitos cursos de graduação, na arquitetura também existe um apagamento epistemológico, do pensamento e da prática, de pessoas negras.

Não tive professoras ou professores negros, tive somente um colega negro e nenhuma matéria que reconhecesse a herança e a contribuição histórica da população negra na

Criado pela arquiteta e urbanista Thaise Machado e pelo designer de interiores Thiarles Batista, o Ibokun está sediado em Salvador e Porto Alegre. O nome, “benção” no idioma africano yorubá, é fundamentado na busca da memória ancestral, na função social da arquitetura, além de também fazer coro para derrubar o estigma elitista que a profissão carrega. Thaise é uma das cabeças do office IBK. Graduou-se na faculdade Ritter dos Reis – Laureate International Universities e estudou design de interiores na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles. A também gestora cultural, atualmente, é residente na especialização em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade pela Universidade Federal da Bahia. Já o sócio tem formação pelo IPA Metodista, técnico em Edificações pela Escola Técnica Parobé, além de estudar a graduação de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. “Sempre é possível reverter este quadro de apagamento das referências negras entre arquitetos. Precisamos nos organizar para isso. Felizmente tive a oportunida-

Polly Magalhães
(@pollymedma)

A trajetória dela começou na engenharia em Recife, sua cidade natal, mas acabou não engrenando. Polly sempre foi curiosa pela arquitetura, mas não era o sonho de infância. Quando se fixou em Aracaju, teve o impulso de conhecer a área e acabou se formando na UFS (Universidade Federal de Sergipe). Atualmente reside em Minas e cursa mestrado na Federal de Uberlândia, onde atua com arquitetura afetiva e também com Domoterapia (o uso de técnicas para regular possíveis problemas que poderiam ter reflexos na saúde e no bem-estar).

“O movimento #BlackLivesMatter é de extrema importância não somente para a arquitetura, como para a sociedade mundial. A luta antirracista vem ganhando espaço de discussão e o debate é o início de uma movimentação de mudança. Tal motivação de movimentos, de luta por igualdade, reflete ações em todos os níveis e escalas políticas, econômicas e sociais. O racismo sempre existiu, hoje ele está somente sendo visto na mídia, onde urge a necessidade do debate. E, por nós negros, escancara a

tém escritório na sua cidade natal. “O movimento #BlackLivesMatter foi importante sob vários aspectos ao escancarar o racismo na nossa sociedade. Contudo, no meio disso, sempre tem um ou outro para negar, minimizar, silenciar a nossa voz ou simplesmente se aproveitar do momento para marketing pessoal. É muito difícil ver tanta gente colocando # na internet com os casos dos Estados Unidos e ignorarem os casos diários que temos nas nossas ruas, na casa ao lado, no seu próprio trabalho. Falando especificamente de arquitetura e urbanismo e como toda essa discussão tem ligação com a nossa área, ainda é muito importante discutirmos e criarmos ações que gerem boas oportunidades para profissionais negros por aqui. Fico pensando quantos negros entraram na faculdade de arquitetura comigo: provavelmente não chegava a 10 pessoas, numa turma de 50 alunos. E quantos se formaram? Quantos conseguiram continuar no curso? Quantos conseguiram entrar no mercado? Quantos professores negros tínhamos na universidade? Quantas referências negras estudamos? São perguntas bem difíceis de serem respondidas

e Legislação. Ela também cursou MBA de Project Management pela USP, com extensão pela University LaVerne, em Los Angeles, quando ganhou o prêmio de aluna destaque, em 2017, e possui grande expertise com viagens, eventos e reuniões em diversos continentes, desde Américas, África, Oriente Médio e Ásia. Atualmente trabalha como Design and Contracts Manager para uma empresa de Israel, num projeto de modalidade capital, em uma obra de mais de 50 milhões de dólares para petrolíferas instaladas em Luanda, Angola. Também é fundraiser da Fundação Smiles of Ayo no Quênia (@smilesfayo), que propicia às crianças com vulnerabilidade social de Kibera, a maior ocupação irregular do mundo, condições de acesso às escolas e necessidades básicas de alimentação e saúde supridas. Também assina artigo sobre Arquitetura Vernacular Angolana no livro “Architectural Guide Sub-Saharan Africa”, pela editora alemã Dom Publishers. O volume estará à venda globalmente a partir de janeiro de 2021. “Decidi ingressar na arquitetura com nove anos de idade, ao assis- tir um documentário da criação de Brasília. O urbanismo de Lúcio

Modernos e Eternos, entre outras. Ele também faz parte do diretório do African Design Matters – projeto estadunidense de diversidade no design, a partir da perspectiva africana na diáspora. “Acredito que o movimento #BlackLivesMatter seja um caminho sem volta, uma vez que as cortinas foram arreadas. O racismo estrutural assim como em toda a nossa sociedade também afeta o circuito da arquitetura e da decoração. Ele aparece sempre no formato camuflado e muito sofisticado. Tive privilégio por ter uma família estruturada – sou filho de mãe professora e pai que chegou ao cargo de diretor – que me proporcionou base e educação. Para me projetar, conseguir furar a bolha e alcançar o respeito do mercado houve muita dedicação e estudo. A minha trajetória sempre foi fazer uso do conhecimento como arma. Ainda há um longo caminho a ser percorrido pois desde que comecei na carreira, em 1999, sou praticamente a única referência da área. É importante haver uma mudança de atitudes no nosso mercado. As marcas e a mídia precisam se comprometer com a causa, não apenas como bandeira

jeito simples, delicado e afetivo. “É uma via de mão dupla mas acreditamos que em um primeiro momento seja necessário que essa consciência parta do profissional de arquitetura. Saber do papel que se desempenha na sociedade faz o diálogo com o público mais fluido. É necessário que o arquiteto tenha consciência do seu lugar, das suas atribuições para poder comunicar isso de maneira clara, só assim deixaremos de ser considerados artigos de luxo. É um resgate da função social do arquiteto. O segundo passo, que pensamos ser complementar ao que já foi dito, é que as pessoas a partir desta perspectiva se conscientizem da importância do profissional nos processos de construção das cidades. Não se intimidem e sintam-se à vontade para consultar um profissional. Como diz uma colega nossa, o arquiteto só fica triste ao perder o cliente para a auto-construção, pois sabe-se que essa pessoa não detém o conhecimento necessário para pensar em

“De fato, a arquitetura é um meio extremamente elitista e fragmentado, uma estrutura muito difícil de alcançar; principalmente no segmento de interiores e ambientação, do qual faço parte. As heranças raciais e até a posição aristocrática da composição social que sou inserida chegam a desestimular a caminhada profissional. Já passei por inúmeras situações onde me via como a única negra em eventos da arquitetura, sejam acadêmicos, coquetéis ou workshops profissionais, até antes mesmo de me formar. Uma caminhada extremamente solitária em busca de um posicionamento assertivo. Como driblar essas questões? Sem sombra de dúvidas é preciso focar em dobro nas oportunidades e nas qualificações profissionais. Precisei estudar o dobro, demonstrar qualidade em dobro, me impor em dobro. A própria maneira de comunicar meu trabalho – seja em palestras ou nas redes sociais – demonstra constantemente que preciso estar um ponto à frente para manter-me no mesmo parâmetro dos demais colegas de profissão. Uma triste realidade, mas que me permite caminhar.”

HOQUAJA. IZARACA

arquitetura e no urbanismo brasileiros. Seja essa contribuição intelectual ou prática. Estamos falando então de um sistema que apaga e não reconhece o pensamento acadêmico negro. Estamos longe de um projeto antirracista que considere o racismo na arquitetura como um problema que incide inclusive na condição de vida precária que a maioria das pessoas negras vive no Brasil. A arquitetura vista também como uma manifestação cultural, deve refletir o tempo que estamos vivendo. Ou deveria refletir. Caso contrário nossa produção arquitetônica continuará alienada às questões que enfrentamos enquanto povo, enquanto país.”

Thaise Machado + Thiarles Batista
(@arquitetapreta
@thiarles_odesigner @ibk.arq)

de de fazer parte de um movimento que buscava levar essas e outras narrativas para a academia. Em 2014, quando estava na graduação, iniciamos o primeiro Coletivo de Negras e Negros da Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (FeNEA), com pessoas de localidades diversas, desenvolvemos este espaço para que pudéssemos fazer trocas relevantes dentro do nosso campo. O coletivo até hoje permanece ativo, com outros estudantes à frente deste movimento. Onde não existem espaços representativos, devemos criar! Tenho visto, cada dia mais, estas organizações nas universidades, em articulações independentes, claro. As instituições precisam estar mais atentas sobre essas criações, fomentar esses espaços e repensar o plano de ensino urgentemente.”

dor, que traz a força pela vontade inadiável por equidade de raças. No urbanismo essa luta reflete as disparidades vistas nas formações das cidades e em seu ‘desenvolvimento urbano’, que determina onde – nas periferias e favelas – a cor preta pode habitar e viver, sendo negado o direito à cidade a corpos negros. A população preta deve estar presente em todos os níveis dos processos, desde a base até o topo. Essa luta já tardou e não vai falhar. Somos iguais, não existe a utopia neste assunto.”

Henrique Magno
(@henriquemagnoarquitectura)

Baiano de Caetitê, 29, o arquiteto e urbanista é formado pela Federal de Sergipe com especialização em Construções Sustentáveis e Edificações Eficientes (IPOG Salvador). Colaborador do Arquitetos do Brasil, ele man-

quando percebemos o número irrisório. Felizmente ainda consegui ter uma certa estrutura e oportunidades um pouco melhores durante esse processo de estudo. Mas são tantas realidades diferentes, tantas chances não dadas, tantos olhares estranhos e pré-julgamentos. Depois disso tudo ainda precisamos ouvir que cotas não são justas, que “é só a pessoa querer e se esforçar”. Não sei em que mundo essas pessoas vivem. Ainda há muito o que se fazer, não é nada fácil, é uma luta diária onde cada pequena vitória deve ser comemorada e esplanada.”

Caren Silva (@careeen)

Arquiteta e urbanista, a curitibana tem formação pela PUC-PR e possui 19 anos de experiência nacional e internacional nas áreas de Gestão de Projetos Multidisciplinares, Arquitetura, Urbanismo, Qualidade

Costa juntamente com o paisagismo de Burtle Marx me encantaram e definiram minha trajetória desde então. Acredito que haja uma maior visibilidade na produção dos nossos profissionais, o que já está mais que na hora de acontecer.”

Wesley Lemos
(@arquiteto_wesleylemos)

Pós-graduanda em marketing e vendas, a arquiteta Audrey, 27, é expert em transformar espaços simples em lugares originais e singulares. O faro para adaptação e criatividade ela converte em projetos inspiradores que sempre levam em conta a identidade do cliente. Arquiteta e técnica em design de interiores, Thamires Mendes, 28, a co-founder da ArqTab, é focada em comunicação. Por meio de conversas sinceras e transparência com o cliente, ela tem facilidade de transformar sonhos em realidade de um

de publicidade. A pauta não pode cair no esquecimento. Temos que trazer o olhar do arquiteto negro e espero que outros nomes também sejam respeitados neste espaço.”

Audrey Carolini e Thamires Mendes (@arq.tab)

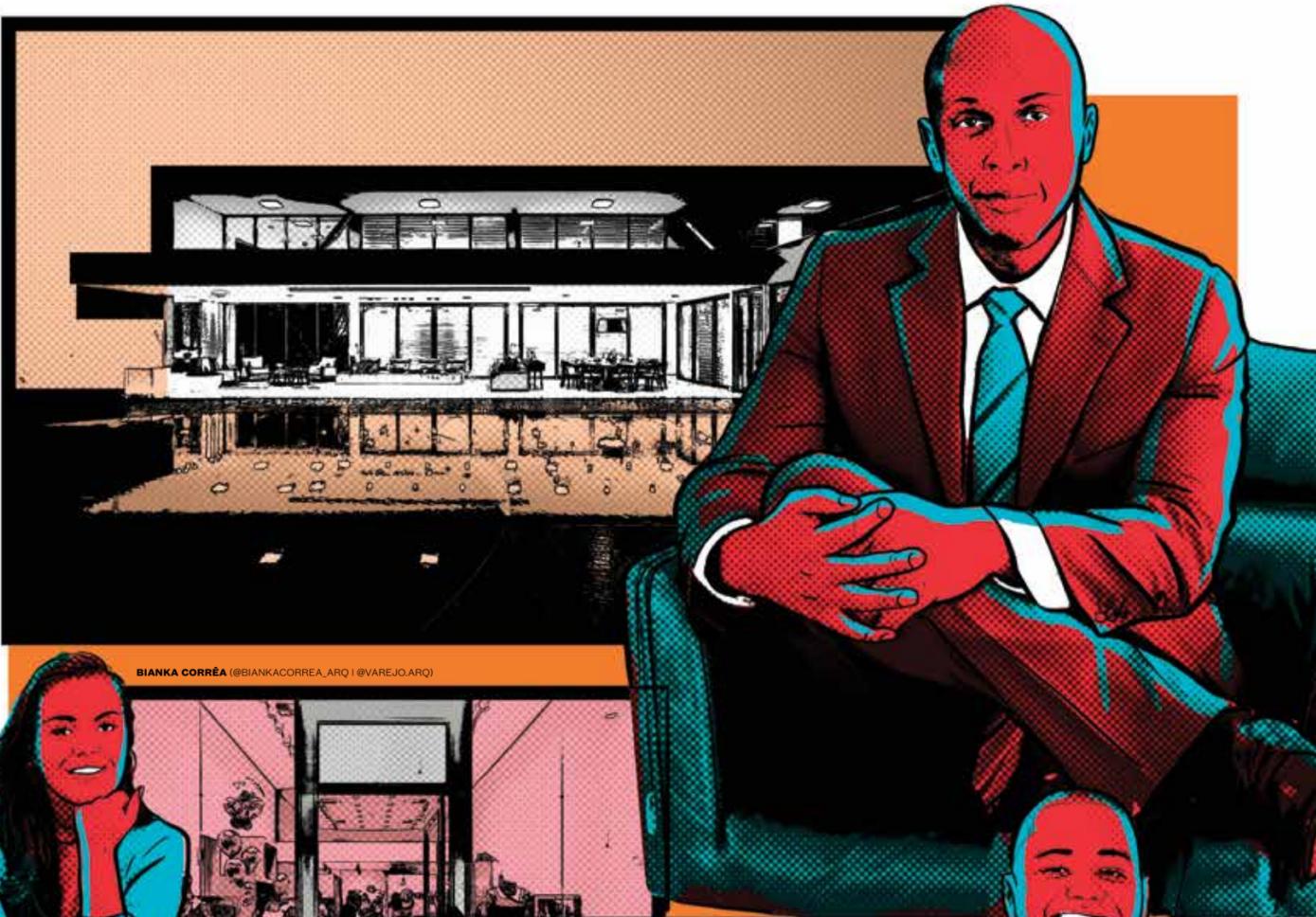
Pós-graduanda em marketing e vendas, a arquiteta Audrey, 27, é expert em transformar espaços simples em lugares originais e singulares. O faro para adaptação e criatividade ela converte em projetos inspiradores que sempre levam em conta a identidade do cliente. Arquiteta e técnica em design de interiores, Thamires Mendes, 28, a co-founder da ArqTab, é focada em comunicação. Por meio de conversas sinceras e transparência com o cliente, ela tem facilidade de transformar sonhos em realidade de um

espaços salubres que contribuem para o seu desenvolvimento. Acreditamos que a pandemia deixou esse aspecto muito visível.”

Bianca Tereza
(@biancateresa)

“Mulher, nordestina e negra”. Assim se auto apresenta a arquiteta e urbanista formada pela Universidade Estadual do Maranhão, com graduação “sanduíche” em Arquitetura de Interiores na Middlesex University London. Atualmente é doutoranda e investigadora em Teoria e Prática da Arquitetura na Universidade de Lisboa. Ela também toca o Singular Architectura, além de ser palestrante, professora de cursos livres e criadora de conteúdo digital com ênfase em décor.

Estabelecido em Salvador desde 2017, o escritório Quati Arquitetura é encabeçado por Cinthia Rosa, em parceria com Diego Serra, colegas desde a época do curso acadêmico na Federal da Bahia. O nome da estação de trabalho é uma referência ao legado da arquiteta Lina Bo Bardi que, durante a década de 1980, idealizou e executou o projeto de requalificação dos edifícios da Ladeira da Misericórdia, no Centro Histórico de Salvador. Hoje a dupla conceitua trabalhos de arquitetura e interiores fora da curva, na métrica da contemporaneidade, que os projeta como um dos nomes para ficarmos de olho na nova safra do circuito arquitetônico. “A ideia de que os conhecimentos construtivos ancestrais são primitivos, como algo menos importante



BIANKA CORRÊA (@BIANKACORREA_ARQ | @VAREJO_ARQ)



NETO SOARES (@BARONETOSOARES)



LUCIANA CARVALHO (@LUCA.RVALHO | @PRETADECORA)



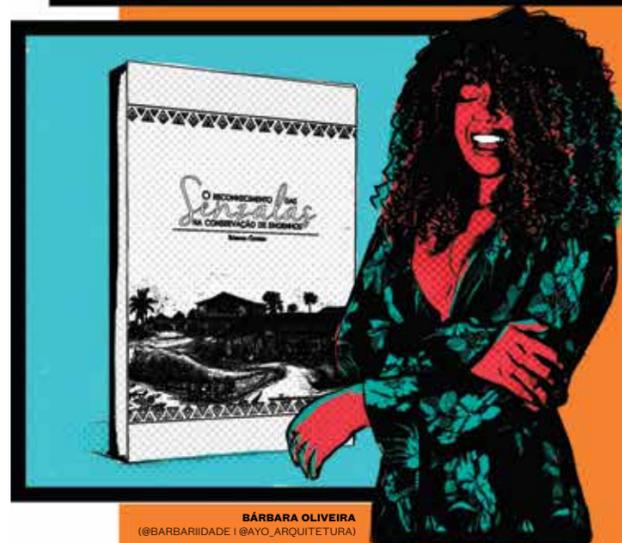
DANI SAMPAIO (@ESTUDIOFORMAARQUITETURA)



NINA ARIANE (@STUDIONINA.A)



MAURICIO OLIVEIRA (@MAURICIOOLIVEIRAARQUITETURA)



BÁRBARA OLIVEIRA (@BARBARIDADE | @AYO_ARQUITETURA)



ZAC PINHEIRO (@ZAC.PINHEIRO | @CORPO.DISCURSO.TERRITORIO)



ANTONIO ISUPÉRIO (@ISUPERIO | @RDBRASIL)

ou valoroso, pode e deve ser superada. Os materiais evoluíram, mas a transmissão de conhecimento em comunidade é um grande ensinamento. Nesse momento, estou lendo um livro chamado ‘Colonização, quilombos: modos e significados’, do Mestre Nego Bispo. Ele observa a vida dos ‘povos afro-pindorâmicos’ ao longo da história, onde as mestras e mestres de ofícios transmitem seus saberes de maneira direta e são fundamentais para a autossuficiência de suas comunidades. Acredito que é importante entender e valorizar isso, aliando, quando

mento e experiência não eram suficientes. É preciso posicionamento, visibilidade e estar sempre à frente e inserido no meio. O arquiteto ainda é estereotipado como branco, classe alta e com vestimentas de grife. As mudanças vêm ocorrendo não só na arquitetura, mas também em outras profissões – é uma reeducação social, mesmo que a passos curtos. A única tristeza é que mais de nós negros continuam sendo mortos para que ganhem visibilidade. É uma corrida diária e desproporcional, estamos sempre precisando ‘correr mais’ para estar

conceito em relação à minha raça. Acredito que ela, junto com meu carisma, ajudou a me destacar entre os demais profissionais da região e do Estado. Somos poucos representantes negros nesse segmento profissional. Sou contra a qualquer tipo de cotas. Somos todos iguais e capazes de conquistar um lugar ao sol. Para mim, o problema mais grave é SOCIAL.”

Luciana Carvalho
(@luca.rvalho @pretadecora)
Arquiteta e urbanista, mestre em Desenvolvimento Urbano, ela

angariando novos patamares ao se aliar às concepções formais da Arquitetura pelas mãos de profissionais que fazem questão de coexistir com os ensinamentos empíricos dos nossos povos. Acredito que as novas gerações de profissionais já possuem uma postura questionadora diante dessas tentativas de apagamento histórico, e um olhar mais crítico diante das concepções hegemônicas de qualidade arquitetônica. Então sim, acredito ser possível que possamos reverter esse quadro e que essa mudança está em curso e será transformadora.”

DESIGNER

for possível, aos avanços tecnológicos. Penso que o olhar atento a esses ensinamentos virá da diversidade de alunas (os) que têm ingressado nas faculdades públicas e da necessidade de romper com a visão eurocêntrica como caminho principal para construção dos saberes.”

Filipe Cady
(@flipecady @studiocady)
O arquiteto de 27 anos comanda na capital baiana o Studio Cady. Quando pequeno, o soteropolitano apresentava fascínio pela arte, desenho e pintura. Aos 16, cursou edição de imagem e teve contato com a fotografia, seu maior hobby. Também especializou-se em projetos mecânicos. As habilidades são aplicadas em narrativas arquitetônicas e de interiores que exploram o universo das artes plásticas e da fotografia. “Descobri a arquitetura ainda no ensino fundamental e nunca houve outra opção. O preconceito enraizado surgiu ainda dentro de casa, visto que a profissão era elitista. Meus pais gostariam que eu fosse ‘Doutor’ (advogado, médico ou engenheiro), consideradas profissões de mérito, mas eles entenderam que a escolha sobretudo era por amor. Quando fui inserido no mercado de trabalho e me posicionei como profissional autônomo, vi os desafios aumentarem. Eu, homem preto, nordestino, entendi que conheci-

o mesmo pódio. Ainda temos uma longa estrada pela frente, e cabe a nós estourar a bolha e nos fazer presentes. Quanto à sociedade, cabe oferecer as mesmas oportunidades e espaços com igualdade. Somos a maioria, por isso, a importância de se apoiar cada vez mais.”

Erico Luiz Conceição (@ericoluiz @ericoambientdesigner)
Natural de Curitiba, Paraná, e com as bases fixadas em Balneário Camboriú, o designer de 50 anos tem quase três décadas de estrada no metiê. Ele assina projetos de high décor embalados em narrativas de interiores sofisticadas e sempre apoiado no melhor do design contemporâneo. Seu escritório também arremata propostas comerciais e corporativas, além de costumeiramente fazer bonito e ter os espaços celebrados nos eventos mais prestigiados do circuito, caso das mostras Artefacto, Casacor Balneário e Santa Catarina, só para citar algumas. “Não sou de carregar nenhuma bandeira. Há mais de 25 anos atuo na área de arquitetura de interiores. Boa parte dos meus projetos foram e são executados em Santa Catarina, região do Vale do Itajaí, onde concentra-se a maior colonização alemã do país. Tudo começou em Blumenau e nunca senti ou tive, na minha trajetória, algum tipo de pre-

é a persona por trás do Preta Decora, em Recife. Entre a graduação e o seu próprio empreendimento foram anos de experiências diversas que ajudaram a formatar seu atual modelo de trabalho. Ao observar algumas necessidades de mercado junto com o desejo de imprimir uma marca singular no mundo da arquitetura e do décor, escreveu seu nome no circuito. “Mesmo no Brasil, as escolas de arquitetura ainda se pautam muito numa formação eurocentrista, principalmente na graduação. A maioria das sugestões de edifícios apresentados como referências de ‘modelos arquitetônicos’ se encontra na Europa e não dá para estudar sobre Arquitetura apenas pelos livros – fazendo jus à fama de elitista e consequentemente branca que a profissão infelizmente (ainda) ostenta. De toda forma, é preciso destacar que a formação em Arquitetura é contínua e se dá muito além do que nos é ensinado em sala de aula durante a graduação. Hoje em dia, inclusive, a tecnologia tem sido grande aliada no processo de conectar pessoas e suas culturas ancestrais. Dessa forma, um Brasil de artistas e artesãos, de origem indígena e negra, tem se aproximado cada vez mais dos centros urbanos contemporâneos e

STUDENT

Neto Soares
(@arqnetosoares)
Fluminense de Campos dos Goytacazes, o arquiteto e urbanista de 23 anos também flerta com o paisagismo. O profissional tem expertise em assinar croquis criativos que expressam a personalidade do projeto. “No mundo em que vivemos hoje, em qualquer área profissional que escolhemos, infelizmente, passa despercebida qualquer referência que nos remeta às nossas próprias culturas. Falar do negro, do indígena,

ou de qualquer outra manifestação cultural fica muito difícil num país onde não se tem memória. Precisamos lutar contra esse apagão cultural e mostrar que um país só se apresenta gigante quando suas raízes são valorizadas. Na arquitetura não é diferente, sempre me questionava sobre isso. Fui crescendo e vendo essa realidade, que é cruel. Dói ver uma raça tentando buscar seu espaço e vendo o seu sonho espremido no preconceito. Em todos os lugares que frequento, eventos, mostras e até nos canteiros de obras, percebo que a ascendência dos negros praticamente não existe. Infelizmente, ainda são poucos os que ocupam posições elevadas. Mas acredito que a união, o investimento em educação e uma política de igualdade poderão mudar a cada dia a realidade no nosso país. Meu sonho de enxergar mais negros em evidência jamais morrerá!”

Bianca Corrêa
(@biankacorrea_arq @varejo.arq)
A mato-grossense é graduada pela UFMT e mestre em Geografia com foco em Planejamento Urbano e Regional pela mesma universidade. Baseada em Cuiabá, a arquiteta tem 16 anos de experiência profissional, sendo que os últimos foram dedicados à arquitetura de varejo. Sua vivência na área começou em administradoras de shopping cen-

xos aos profissionais de arquitetura. Um exemplo é o RDI, o instituto no qual atuo como diretora, e que atualmente está desenvolvendo um trabalho de diversidade racial. Trata-se dos primeiros passos, objetivando um RDI mais inclusivo. Esse projeto é reflexo do movimento, e de grande valia, afinal trata-se de uma profissão elitizada, que exclui e não facilita a projeção dos profissionais negros. As políticas antirracistas ainda estão longe de serem eficazes. Não vejo como utopia, porque acredito que estamos aqui para evoluir. Provavelmente meus netos e bisnetos poderão usufruir de políticas eficazes. Infelizmente, enquanto não houver uma educação racial de base, mudança de mindset da população e a quebra da narrativa da história do Brasil sob a ótica europeia, serão leis bonitas de se ver no papel.”

Dani Sampaio
(@estudioformaarquitectura)
A paulistana comanda o Estúdio Forma Arquitetura, onde conceitua ambientes cheios de personalidade pautados em pegada colorida. A profissional é formada em Arquitetura e Urbanismo na Unip, com especialização em Design e Interiores pela Uninove, Decoração Prática pelo Senac e Luminotécnica pelo Senai. “Tive a sorte de encontrar (ainda que numa parcela menor) negros na faculdade, tanto professores (uma

hashtag #BlackLivesMatter, o que é ótimo, pois insere e normaliza pessoas diversas na área da arquitetura, do design e do urbanismo. Acredito que para aplicar isso basta que olhemos ao nosso redor e verifiquemos se o nosso ciclo de trabalho é diverso. Se sim, ótimo, se não, é algo a ser mudado para ontem!”.

Antonio Isuperio
(@isuperio @rdibrasil)
O goiano atua há 16 anos na área e também milita nas causas lgbtqi+ e antirracistas. Formado em arquitetura pela Universidade Estadual de Goiás e com MBA em varejo pela FGV-SP, sua pesquisa em Visual Merchandising no Fashion Institute of NY já foi apresentada em diversos eventos do segmento. Atualmente, vive em Nova York, onde é diretor de relações internacionais do Retail Design Institute e responsável pelo projeto de tropicalização da grife Aeropostale em terras brasileiras. “A arquitetura se apresentou para mim branca, classista e colonizada. Romper com as estruturas racistas sempre fez parte de minha história, especialmente na liderança de design estratégico de grandes corporações. Não existe educação racial e até me aprofundar nos estudos de negritude e ter consciência de quem eu era, não tinha a menor noção do que estava errado com minha trajetória. Os feedbacks sempre eram os mesmos dos negros com autoesti-

adequar ao ‘dress code’ de uma empresa. Detalhe: fui indicado por um dos proprietários da marca e obviamente não prossegui. Amo o Brasil e a principal razão de morar em NY é pela simples falta de oportunidade. Estive de volta ao país por dois anos e não tive nenhuma proposta promissora. Nada, nem com a experiência internacional. É triste mas tenho mais oportunidades fora que na minha própria casa. Como todos os problemas que o capitalismo gera, repito com tranquilidade uma frase que minha querida amiga ativista Alexandra Loras sempre diz: ‘As empresas brasileiras ainda preferem ser racistas até do que capitalistas’. Acredito que a discussão #BlackLivesMatter é importante, mas ainda não temos consciência de classe como latino-americanos com uma população negra de 54% e 118 milhões de pessoas. Se nossa comunidade negra brasileira fosse um país seríamos o 11º em população e 17º em consumo e mesmo assim nosso mercado não nos enxerga. Ambos esses ‘países’ fariam parte do G20 e ainda temos menos de 1% de negros nos espaços de poder. Todos esses são dados incrivelmente verídicos do Instituto Locomotiva. Somos o país que mais recebeu afrodescendentes no mundo e não honramos o nosso ventre negro e indígena, precisamos urgentemente resgatar nossas raízes. Até esta discussão racial só teve ressonância

deste calibre no Brasil porque ainda somos pautados pelo viés gringo. Quando é que seremos capazes de produzir as nossas próprias questões? Quando é que nossas dores serão capazes de ecoar e os brancos terão consciência que racismo é uma questão que tem que ser resolvida por eles? Qual é o interesse sobre o debate da branquitude? De acordo com a anistia internacional o Brasil mata 82 jovens negros por dia e no total mais que todas as guerras juntas do Oriente Médio. É como se um avião caísse a cada dois

delas inclusive que me conduziu na minha orientação científica) quanto outros alunos. Minha defesa acho que sempre foi e sempre vai ser por meio do estudo, entendimento e viabilidade da arquitetura para para clientes locais e nacionais. “O movimento #BlackLivesMatter certamente já produziu bons reflexos no mundo todo e a população não está aceitando situações de racismo que já foram consideradas corriqueiras. A arquitetura brasileira não pode ser diferente, acredito que o movimento trará bons refle-

ters, passando por Ancar Ivanhoe e BrMalls. No segmento supermercadista, atuou no Grupo Pão de Açúcar. Atualmente é proprietária do escritório Varejo Arquitetura e Soluções, onde desenvolve projetos para pessoas. Sempre busco colocar minha energia em projetar espaços para pessoas que querem lugares bem projetados, pensados e viabilizados, acredito que assim minha carreira vai se compondo de forma mais estruturada. Conheço pessoas que despertaram o olhar para esse assunto após a repercussão da

meu corpo lgbtqi+negro é político foi transformador. Algumas das grandes empresas do varejo brasileiro já me chamaram mais de três vezes para processos seletivos de cargos estratégicos, e mesmo sendo o primeiro arquiteto a ter MBA de Varejo na FGV/SP, inglês fluente e expertise na área, as repostas de ‘não me enquadrar no perfil’ sempre chegaram. E me convidavam novamente e acredito que nem se tocavam do fato. Chegaram a pedir para que eu cortasse o cabelo para



FELIPE LUCIANO (@FELIPELUCIANOSTUDIO)

JORGE FELIPE OLIVEIRA (@ORLINTERIORES)



TAMIRES DE ALCANTARA + CAROL BERNARDO
(@TAMIDEALCANTARA | @CAROLLYNABERNARDO | @GEIRALESTUDIO)



TÁIS FEU (@STUDIOFOLHARO)



JÉSSICA FRANÇA (@PLANTALIVRE.ARO)



RODRIGO AGUIAR (@ROAGUIAR)



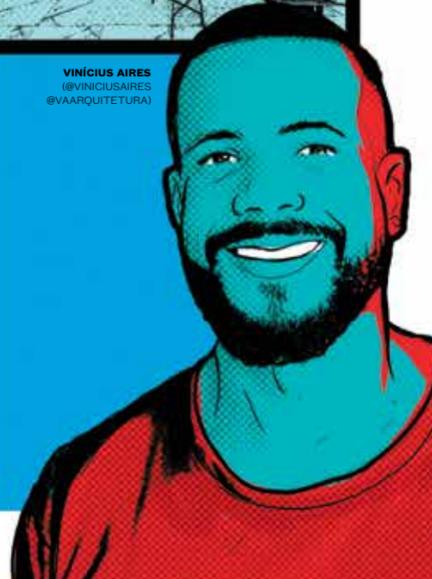
LUCAS TOLENTINO (@TOLENTINO.ARQUITETURA)



STEPHANIE RIBEIRO (@STE_RIB)



VINÍCIUS AIRES
(@VINICIUSAIRES
@VAARQUITETURA)



ABIOLA AKANDÉ YAYI
(@ABIOLAYAYI | @AFROCREATIV)

NOSSAS

dias. Não acredito que mudanças sejam utopia, e é por esse viés que atuo, o da esperança. Mas precisamos vencer uma etapa importante para que possamos entender toda esta construção social e projetar a real abolição. Um exemplo seria deixar de desenhar apartamentos com quartos de empregada e que não possuem máquina de lavar louças. A nossa escola é por si só escravagista. Precisamos também projetar espaços comerciais de alimentação sem a dependência do serviço. Isso me lembra muito que meu professor falava que quando o primeiro McDonald’s inaugurou no Brasil, na Alameda Santos, em São Paulo, as pessoas chegavam e esperavam atendimento sentados. E não acredito que a mudança seja muito distante porque nós negros não estamos gerando a próxima geração de empregados domésticos.”

Bárbara Oliveira
(@barbariidade
@ayo_arquitetura)

A recifense de 28 anos estudou restauro arquitetônico na Università Degli Studi Roma Tre (2014-2015). Arquiteta e urbanista formada pela Federal de Pernambuco, atualmente é mestranda na UFBA com pesquisa na memória das senzalas. Também é a criadora da plataforma virtual Ayo Arquitetura.

“O #BlackLivesMatter chega como um estímulo para mobilizarmos transformações no ensino e na prática da arquitetura. As inquietações são necessárias. As políticas antirracistas ganham corpo com a mobilização social, nesse sentido vejo alternativa do poder da educação, para desenvolver senso crítico em massa. Sei que existe extrema desigualdade na promoção de ensino de qualidade para todos. Mais uma vez vejo a relação casa-grande/senzala ainda insistente, porém, já existe uma quantidade de negros e indígenas que já acessaram o ensino superior e que retornam com seus saberes para a promoção de políticas públicas mais democráticas. É complexo, mas essa revolução parte da autoconsciência e da compreensão da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil e no mundo, já que elas materializam as relações

políticas, as dinâmicas da economia, a configuração da sociedade, as relações entre raças e gêneros e toda a cultura! Por exemplo, imagino a potência de ter várias negras arquitetas urbanistas ocupando espaços públicos de poder. Penso na nossa comunidade negra consciente da própria história, ingressando em lugares de poder, a fim de colaborar para que essa e as próximas gerações acessem com qualidade de vida maior, com democracia. Educação também passa pelo autoconehecimento. A partir do momento que me compreendi como mulher negra na arquitetura, consegui tomar decisões para colaborar nessa revolução, dentro desse meu lugar como profissional. Passa por saber até onde o meu privilégio vai e o que posso fazer com isso. Eu faço escolhas, pois quero construir uma trajetória forte e consciente dos direitos humanos.”

Maurício Oliveira
(@mauriciooliveiraarquitetura)

Natural da cidade de Brejo Santo, Ceará, ele é formado em arquitetura e urbanismo pelo Centro Universitário Juazeiro. Maurício acredita no poder da arquitetura como agente no processo de transformação social e coletiva, que constrói sonhos e pode mudar vidas. Ao longo da jornada, o profissional desenvolveu projetos residenciais, comerciais e de interiores, e atualmente trabalha em uma construtora e imobiliária.

“Em tempos de pandemia e com tudo que estamos vivendo, o movimento #BlackLivesMatter teve um impacto significativo para a gente. Nossa população é plural, seja nas ruas, nas praças, ou nos grandes centros urbanos, a ocupação foi necessária e ainda é. Muito se foi cobrado pelo posicionamento da população negra, em uma tentativa de gerar mais manifestos aqui no Brasil, porém, as pessoas esquecem que nossa voz não é o suficiente. Negros foram agredidos, espancados e mortos nas ruas porque estavam na linha de frente protestando, sem agressividade, e mesmo assim, foram intimidados. Onde estavam os brancos? Onde estavam os antirracistas? Se você quer lutar

pela nossa causa, ser antirracista, como dizem, haja como várias pessoas pretas fizeram, conscientize-se e use sua voz para apoiar nossos discursos. Penso que é preciso ser mais do que uma voz ao nosso lado. É necessário agir ao lado de cada movimento negro. Nossas lutas são diárias e aos poucos vamos ganhando o nosso espaço, nossos direitos. Na arquitetura não é diferente. Como recém-formado, sinto na pele a dificuldade de atuar em um mercado competitivo, pautado pelo preço e não pela qualidade. Nosso serviço ainda é visto como algo dispensável e caro. Ainda falta o entendimento da importância do nosso papel como arquiteto e, principalmente, como urbanista nas cidades do interior. Cabe a nós profissionais educar nossos clientes sobre a importância dos nossos serviços. A arquitetura sempre foi vista como artigo de luxo, elitizada. Somos nós que devemos mudar essa realidade e mostrar que ter direito à arquitetura é também acesso à qualidade de vida e bem-estar. Populações de baixa renda precisam dos nossos serviços e nós precisamos alcançar essas camadas, seja por meio de políticas públicas, incentivos do CAU ou serviços mais acessíveis para essa população. Os desafios, de fato, são grandes – mas com perseverança e coletividade caminharemos para uma realidade que abraça todas as raças e povos.”

Nina Ariane
(@studionina.a)

Nascida em Jardim, Mato Grosso do Sul, a designer de interiores iniciou há cinco anos em marcas prestigiadas como Artefacto, Orlean e Dell Anno. Atualmente é acadêmica em arquitetura e urbanismo na Univali e desenvolve projetos de alto padrão para os segmentos náutico, hoteleiro e comercial em Balneário Camboriú e região.

“Acredito que a originalidade supera qualquer desafio, independente da área em que atuamos devemos buscar ser excepcionais, ter uma identidade especial e única, sempre com foco e disciplina, nunca na dependência de determinado sistema. Todo movimento em prol de algo positivo tem seu lado bom, que

claramente influencia e abre portas. Na arquitetura no Brasil não é diferente. A competência, o talento e a determinação devem ser os geradores de destaque e não a cor da nossa pele. Tenho total convicção de estar trilhando o caminho correto. Na prática, não dependamos de raças ou credos, ou movimentos antirracistas. A estruturação na qualidade do nosso trabalho, nosso esforço, nosso crescimento e nossa evolução a cada dia são os alicerces para construirmos uma carreira de sucesso. Os movimentos nos ajudam sim a abrir portas, porém, somente nós como pessoas e profissionais podemos definir como nosso caminho será trilhado.”

Zac Pinheiro (@zac.pinheiro
@corpo.discurso.territorio)

Nascido em Salvador, o designer de 25 anos possui bacharelado em artes e atualmente cursa arquitetura e urbanismo, ambos pela Universidade Federal da Bahia. É pesquisador no projeto “Presença de Arquitetos e Arquitetas Negras Pelo Mundo”, com apresentação em Salvador, Belo Horizonte e Nova York; e criador de conteúdo digital no Instagram e YouTube “Eu Arquiteto Negro”. É uma das vozes do grupo @corpo.discurso.territorio e do site arquitetasnegras.ufba.br, além de ser educador em artes.

“Não posso deixar de falar sobre as conexões que os profissionais negros estão fazendo dentro do nosso campo e os diversos coletivos que vêm surgindo. Estamos construindo uma nova potência brasileira; ainda assim mudanças antirracistas precisam passar também por ações da branquitude em frente a realização e/ou manutenção de estruturas racistas e isso às vezes implica em valorizar a causa em detrimento do capital. Todavia o cenário não me deixa otimista. Ainda que haja avanços no campo acadêmico, existe muito a trilhar dentro da universidade e do mercado de trabalho. Acredito que as políticas antirracistas dentro do nosso campo precisam ser aplicadas objetivando a democratização da arquitetura e urbanismo e a não reprodução de espaços e tipologias segregacionistas e racistas – seja

em sua dimensão formal, funcional, estética, simbólica ou cultural. Isso começa com deixar de colocar em nossos programas as senzalas modernas chamadas de quartos de empregada, elevadores de serviço e design hostil como bancos antimenúdios, vegetação espinhosa, entre outros, e abandonar a tentativa de maquiarr esses espaços com novas nomenclaturas como dependência completa ou vestiário de serviço.”

Stephanie Ribeiro
(@ste_rib)

A arquiteta e urbanista sempre nutriu interesse por criar, escrever sobre arte, cultura, design, artesanato, o feito à mão, lifestyle. A ativista e colunista de Marie Claire é o novo rosto do programa “DECORE-SE”, do canal por assinatura GNT. “Acho que é muito simbólico que esteja fazendo um programa de TV mas, como arquiteta, acho que todas as discussões são extremamente importantes inclusive pra gente entender questões raciais. Não é apenas lecionando, ensinando ou mostrando o caminho para que as pessoas não sejam racistas. A gente tem interesses múltiplos e a arquitetura pode ser um deles. O programa está num novo formato e considera as dificuldades colocadas na pandemia, mas acredito que isso vai mostrar muito também a importância do arquiteto no processo, o que é extremamente gratificante. Entrei na faculdade aos 18. Não tinha a compreensão da arquitetura que tenho hoje. Quando quis fazer o curso foi de um jeito muito banal, algo como uma brincadeira. Gostava muito de desenhar, pintar e de fazer atividades com as mãos, era fascinada por costurar, fazia esculturas de gesso e de argila, bem criança. Também era completamente apaixonada pelo cenário do programa Castelo Rá-Tim-Bum. Então, quando tinha entre 16 e 17 anos, comecei a fazer testes vocacionais e todos eles me direcionavam para a arquitetura. Não sabia que era um dos cursos mais concorridos, nem fazia ideia desse contexto elitizado. Fui pesquisar, entender, assistir várias coisas e vi que ela tinha tudo a ver comigo. Foi um desafio cursar arquitetura, fiz com bolsa de es-

tudos na PUC-Campinas. Hoje sou muito feliz. Acredito que acertei, ainda que nesta época conturbada, num contexto em que a gente enfrenta tanto racismo e machismo dentro desses espaços elitizados.”

Felipe Luciano
(@felipelucianostudio)

Ele é arquiteto formado pela Unesp, turma de 2009 e, durante os primeiros cinco anos de trajetória, atuou na construtora PDG. Atualmente encabeça escritório próprio de onde brotam projetos de arquitetura, decoração de interiores e administração de obras para formatos residenciais e corporativos.

“Mesmo neste cenário de grande adversidade econômica e social, a casa ainda é muito importante para o brasileiro. A morada própria é culturalmente o objetivo da grande maioria, e sua conquista está associada ao conceito de progresso e estabilidade. Nesse contexto, porém, a ideia de ter um profissional arquiteto seja para planejar ou reformar a propriedade, ainda é elitizada, e de acordo com pesquisas cerca de 80% da população faz obra sem a contratação de um arquiteto ou engenheiro. A educação é uma forma de quebrar paradigmas, e talvez por meio da influência das redes sociais, cuja informação flui com rapidez, seja possível desmistificar a ideia de que investir em profissional de arquitetura seja desnecessário e privilégio de poucos.”

Jéssica França
(@plantalivre.arq)

Formada pela Faculdade Brasileira Multivix, de Vitória, ela comanda o Planta Livre Arquitetura, em Vila Velha, Espírito Santo, atuando na área de arquitetura, design e cenografia com atendimento validado por um olhar atento e minucioso para a memória afetiva em cada layout. “Começou com meu trabalho no final da graduação, onde o tema era ‘Favela e o Direito à Cidade’. Quando você estuda e entende a dinâmica da metrópole, você nota o privilégio branco em todos os sentidos, principalmente na construção da cidade. Realizei o estudo de caso de uma favela local, a Poligonal Jaburu I, com foco na habitabilidade das casas que existem ali.

O que para a maioria (branca) é básico, a minoria (preta) em Jaburu tem como luxo. Conheci, conversei e ouvi lideranças e moradores da Poligonal, a fim de compreender suas demandas e a partir do meu estudo dar-lhes voz. Minha análise contribuiu para um levantamento mais atual do Projeto Terra, que tem como principal objetivo a urbanização de favelas do país. Hoje trabalho com arquitetura e interiores dos públicos B e C de forma afetiva e tenho a intenção de cada vez mais democratizar o ofício.”

Jorge Felipe Oliveira
(@ori.interiores)

Desde 2014, ele é um dos sócios do Ori Interiores. Por lá, Jorge mescla os saberes do designer com os do artesão – ideia essa que surgiu na Bauhaus, escola alemã de arte mais expressiva do século 20, e que até hoje estimula a ruptura de padrões. As experiências entre os dois campos (o do fazedor e o do pensador) proporcionam uma versatilidade vibrante que se manifesta em seus projetos. E tem outro plus: a passagem acadêmica no curso de História também fundamenta seus projetos a partir do contexto em que cada obra e cliente estão inseridos. “Estamos atravessando um processo de transição em que a questão racial é protagonista e isso gera uma série de questionamentos individuais sobre privilégios e as consequências destes perante a sociedade, historicamente falando. E isso faz com que os holofotes comecem a se direcionar para nós, pretos e pretas, também. Doa a quem doer. Na prática, a contratação de pessoas pretas por escritórios, a visibilidade de projetos de designers e arquitetos pretos e pretas, apoiar projetos inclusivos, entre outras ações. Tem muita gente usando #BlackLivesMatter de forma dissimulada. Mas estamos em um movimento de apoio mútuo, entre vários profissionais da área, onde seguimos unidos pela causa e pela nossa legitimidade. Desta forma, chegaremos a uma equidade no design e na arquitetura, como reflexo da nossa sociedade.”

Vinicius Aires (@viniciusaires
@vaarquitectura)

Graduado na Universidade Estadual de Goiás, o arquiteto está há nove anos com o bloco na rua. Desde então despontou sua trajetória em grandes empresas de arquitetura e de construção. Um trabalho que mescla estética, funcionalidade, soluções práticas e inteligentes, tudo embalado em boa execução e muita personalidade.

“Como em todos os lugares, na arquitetura não acontece diferente – a informação é benefício e conforto a serviço de poucos. Tornar a vida um espaço melhor, infelizmente, não é privilégio social da nação. Sempre fui muito intenso em todos os sentidos e para a arquitetura não foi diferente. Encaro como ofício construir e melhorar a vida das pessoas. Nós arquitetos deveríamos ser veículos da sociedade no âmbito do desenvolvimento da arte de construir e necessidade de habitar cidades. Posso dizer que sinto, até hoje, dificuldades em validar minha capacidade e conhecimento diante de um canteiro de obras ou discussão de projeto. Nós, minorias, fomos por muito tempo poupados de fala, expressão, criação, opinião e decisões. E a minha profissão pede que eu faça exatamente isso. Com o tempo tive que assumir uma postura mais séria, firme, dura. Ficaria feliz se fosse mais suave.”

Abiola Akandé Yayi
(@abiolayayi @afrocreativ)

Nascido na República do Benim, em 1988, Abiola Akandé Yayi é residente no Brasil há pouco mais de 10 anos. Ainda como estudante, foi co-vencedor, em 2013, do concurso internacional de arquitetura organizado pelo CISP-Niger. Ele apostou na taipa de pilão, técnica construtiva do Brasil-Colônia, para a estrutura do Pavilhão de Arquitetura em Terra, Niamey, Niger. Formado pela FAU da Universidade Federal de Uberlândia, atua como arquiteto e designer de produtos na sua empresa Afro Creativ.

“No sistema racista, pouco importa se você é competente ou não, sendo negro. No entanto, encaro o racismo como uma das adversidades que me motivam a quebrar barreiras. Nunca quis fazer parte do sistema, sempre tive claro que tinha que

NICHOLAS OHER (@NICHOLASOHER | @OHMADESIGN)



HANNAH CABRAL (@STUDIOMH.ARQUITETURA)



PEDRO RUBENS (@PEDRORUB | @ARQUITETURADPRETO)



MARCOS ROLIM (@MARCOS_ROLIM | @HAIFATTO)



LOANY GONZAGA • RAISSA BRASIL (@RAISSABRASIL | @GALPAOLESTUDIO)



BIANCA FERNANDES (@ARQBIANCAFERNANDES)



CAMILA MASTROCCO (@STUDIORE | @URBANIZAI)



KAMILA MACIEL (@KAAMILAMACIEL | @TRAMA.ARQUITETURAINTERIORES)



SIDNEI MACHADO (@OIKOS.ARQUITETURA | @ARQSIDNEIMACHADO)

destruir os preconceitos nos quais ele se apoia, através do exemplo. Então uma das minhas missões de vida é mostrar ao mundo que a visão africana/afrodescendente é extremamente fértil e necessária para os desafios do mundo contemporâneo. A arquitetura e o design são ferramentas que uso para atingir este objetivo. Por isso, procuro aumentar a qualidade das minhas competências para ter excelência no que me proponho a fazer. Ainda que seja um caminho tortuoso, escolho

“É preciso enxergar a arquitetura feita para o povo e parte da transformação social, construir políticas públicas que valorizem a apropriação do espaço público e que contemplem áreas carentes de recursos. Precisamos repensar qual a nossa responsabilidade na construção da imagem como arquitetos, transmitindo à população nossas habilidades e a diversidade de atividades que podemos desempenhar. Enquanto o trabalho do arquiteto estiver focado apenas na elite, dis-

Profissional à frente do Studio Folha, pratica a arquitetura que busca uma nova forma de expressão ao trazer o conceito da casa mística – ambiente com elementos do aconchego e uma pitada de espiritualidade – que agrega personalidade aos espaços. Mas as coisas não foram fáceis pra ela, óbvio, que em determinado momento da carreira diz que foi obrigada a “embranquecer”. “Acabei embranquecendo-me para driblar o sistema. Vi-me, por muitas vezes, em situações onde negava a

arquitetura, a ponto de deixar a cidade natal e a família para realizar o sonho de trilhar a carreira. Desde os 17 anos estabelecido no Espírito Santo, formou-se em arquitetura na Universidade Vila Velha, e com o canudo na mão atuou no escritório Casuê Arquitetura. Hoje, aos 25, toca o estúdio Tolentino Arquitetura. “Sempre me encantei com coisas relacionadas à arquitetura, jogos de construção e coisas do tipo. Como nasci no interior da Bahia, onde faltam profissionais da área, nunca

para reduzir as mensalidades, mas se meus pais não tivessem condições, não teria conseguido realizar o sonho de ser arquiteto.”

Marcos Rolim (@marcos_rolim @haifatto)

A bio dele é bem diferente. O fisioterapeuta tem especialização em sistema respiratório e dava plantão em três hospitais até substituir a pressão da área da saúde pela atmosfera mais fresh do universo do décor. Formado em Design de Interiores na

são uma forma de começarmos a compensar todo o dano causado à população negra ao longo da história. Um exemplo positivo foi a mudança formal em catálogos do nome do móvel ‘criado mudo’ para ‘mesa de cabeceira’. Práticas positivas como essas educam os profissionais da área, as empresas do segmento e os consumidores.”

Hannah Cabral (@studiomh_arquitetura)

A carioca de 32 anos é formada em Arquitetura pela PUC-Rio e, desde 2012, ao lado da sócia Monique Gonçalves, comanda o Studio MH Arquitetura. O escritório desenvolve trabalhos embalados em linguagem criativa e com proposta harmoniosa e confortável. “Sempre tive um posicionamento bem forte perante meus clientes e fornecedores. Nunca baixei a cabeça e me senti inferior a ninguém e em nenhum lugar. Mas é nítido como sou a única, ou minoria, na área onde 95% são de arquitetos brancos. Onde há minoria, há segregação! É isso que deveríamos lutar para mudar. A universidade realmente não nos traz nenhuma referência da nossa cultura arquitetônica ancestral, que na verdade é abstraída no entendimento da formação das

de arquitetura, design e produtos estabelecido em Curitiba. Multifacetado, também atua nas criações de arte – além de ser cantor nas horas vagas. Afinal, dizem, arquitetura é música para os olhos. “Meu mecanismo de defesa sempre foi o de posicionamento nas diferentes situações que me foram ocorrendo durante a minha trajetória como profissional. Em todos os momentos me apresentei como arquiteto, negro e gay – para me reafirmar e para que me respeitassem. Percebo ainda que minha maior defesa é informar sobre a diversidade e inclusão. Travo um embate real com aqueles que ainda praticam qualquer forma de intolerância, atingindo alguém por este ser o que ele é. Uso o afeto que possui no peito para combater tudo aquilo que pode ser nocivo.”

Pedro Rubens (@pedrorub @arquiteturadpreto)

Idealizador do Arquitetura de Preto, ele tem 27 anos e é formado em Arquitetura e Urbanismo na Federal de São João del-Rei, MG. O objetivo do seu projeto é agregar profissionais negros, de todo o Brasil, de modo que a arquitetura seja exercida a partir de uma perspectiva coletiva já que uma andorinha só não faz verão, como reza o dito popular – e

nismo. No mesmo ano, com meu segundo recomeço em vista, deixo a cidade para cursar Arquitetura e Urbanismo na UFSJ, na minha cidade natal. Iniciei estágio logo no segundo período e conciliei o trabalho e o curso praticamente durante toda a minha graduação. Com vontade de um recomeço e novas experiências fui para Escola de Arquitetura da UFMG, em Belo Horizonte. Na capital mineira tive a chance de ver não só a Arquitetura por outras perspectivas, mas compreender a vida de maneira totalmente diferente do que eu estava acostumado. Por fim, para o meu último período da graduação retorno para São João não só pronto para formar-me mas com o projeto Arquitetura D’ Preto, em mente, e ansioso para conquistar e ocupar o meu espaço.”

Sidnei Machado (@oikos.arquitetura @arq.sidneimachado)

Paulistano radicado em Floripa, o talentosíssimo arquiteto Sidnei Machado comanda, desde 2004, o Oikos Arquitetura – voltado a projetos em todas as escalas e também especializado em arquitetura religiosa (ele projeta igrejas incríveis). “Atender às demandas da base da pirâmide social é o anseio de todo profissional que tem sede de justiça

DEBATA

colocar minhas habilidades ao meu próprio serviço, e ao serviço daqueles que compartilham da minha visão de mundo. Decidi transformar o lugar de periferia marginalizada que me foi destinado na arquitetura e no design em um lugar de prosperidade onde não preciso barganhar os meus princípios de vida.”

Tamires de Alcântara + Carol Bernardo (@tamidealcantara @carollynabernardo @beiralestudio)

No ar desde 2017, o escritório é especializado em projetos residenciais e de interiores conduzidos pelas jovens sócias proprietárias (jovens, porém, sacudidíssimas em termos de portfólio). Tamires nasceu em Uberlândia, em 1990, cidade mineira na qual graduou-se arquiteta e urbanista pela Federal, em 2015. Foi selecionada em 2018 para atuar no programa Missão Design, do canal GNT e, no ano seguinte, participou como co-autora do livro “Arquitetas Negras”. Carol Bernardo é natural de Jataí, Goiás, e nasceu em 1993. Aos 16 anos, mudou-se para Minas para cursar Arquitetura e Urbanismo na Federal de Uberlândia. Durante a graduação conheceu a parceira com quem fundou a estação de trabalho onde atua até hoje. Sempre em movimento, ela utiliza como suporte a pintura, desenho, costura, crochê e as atividades físicas para expressar-se e equilibrar a racionalidade e a ludicidade em sua vida.

tante da população, pouco conseguiremos avançar para modificar o desenho das cidades brasileiras. A arquitetura visa promover o bem-estar de pessoas em suas relações com o meio construído, e essa promoção deve contemplar a todos.”

Rodrigo Aguiar (@roaguair)

Há 15 anos no mercado de arquitetura e design, ele aposta que estes temas são complementares e contam narrativas para os cenários da vida real. Rodrigo acredita que a mistura da cultura popular brasileira tem extrema importância para a arquitetura.

“Desde muito novo enfrentei de maneira positiva os obstáculos de estar trilhando uma carreira predominada por brancos de um nível social elevado, principalmente porque o cliente que consumia arquitetura e decoração tinha um poder aquisitivo alto. A partir da consciência de que a arquitetura traz benefício à rotina das pessoas houve a desmistificação da profissão. Ser contratado para fazer um projeto para uma família ‘de poder aquisitivo alto’ e estar entre os profissionais da cidade não foi tarefa fácil. Mas sempre busquei em minhas origens simples o encorajamento para seguir em frente.”

Tais Feu (@studiofolharq)

Arquiteta e artista multimídia, ela está baseada em Vitória, ES, com os dois pés fincados na criatividade.

minha cor e origem com a intenção de ser aceita. O sistema me obrigou a ser uma mulher forte, decidida, que sabe de todas as coisas e entende de todos os assuntos. Entrar em um dos melhores escritórios de arquitetura e design de Vitória e calcular cada passo dado. Esta foi a estratégia que enxerguei para ser notada, assim tive que sacrificar outros pontos de minha vida, pelo simples fato de pensar ‘só tenho essa oportunidade’. O sistema é cruel com a pele preta e comigo não foi diferente. Confesso que acredito ter sido aceita com ‘facilidade’ pelo tom de pele, por não ser retinta, e por ter resquícios da branquitude, seja no cabelo, roupas ou até mesmo na fala, afinal, esse mundo tem pouco espaço para uma pessoa preta que se posiciona e se assume. Em muitos momentos me senti a ‘cota’ do evento. ‘Mais que um preto, num espaço elitista, não pode’ – eles pensam. Hoje consigo colocar minha personalidade com elementos locais, onde enalteço aspectos das culturas afro e indígena. E sigo desassociando essa ideia padrão, que a arquitetura e o design carregam, onde as cores são neutras, os traços retos, dentre outras características euro centralizadas.”

Lucas Tolentino (@tolentino.arquitetura)

Nascido em Teixeira de Freitas, Bahia, ele sempre foi apaixonado por

algum arquiteto para me espelhar, muito menos um profissional negro de quem pudesse tirar referência. Por muito tempo fui julgado por querer algo que para muitos era visto como fora do meu alcance, pois tive que morar sozinho aos 17 e enfrentar os desafios de um jovem negro do interior se mudando para uma capital. Contei com a ajuda dos meus pais que batalharam muito para conseguir me mandar para outra cidade e pagar a faculdade particular onde tinha pouquíssimos colegas negros, ao mesmo tempo que fazia de tudo para ajudá-los como podia. Trabalhei e participei de projetos na faculdade

de arquitetura e designers negros

de arquitetura e designers negros

de arquitetura e designers negros

Nicholas Oher (@nicholasoher @ohmadesign)

O cuiabano de 26 anos é poeta visual, arquiteto e urbanista com formação em iluminação artificial, tecnologia da construção e arquitetura sustentável. Ele é um dos proprietários do Ohma Design, em sociedade com Fabio Marx e Paloma Bresolin, selo prestigiado

de arquitetura e designers negros

de arquitetura e designers negros



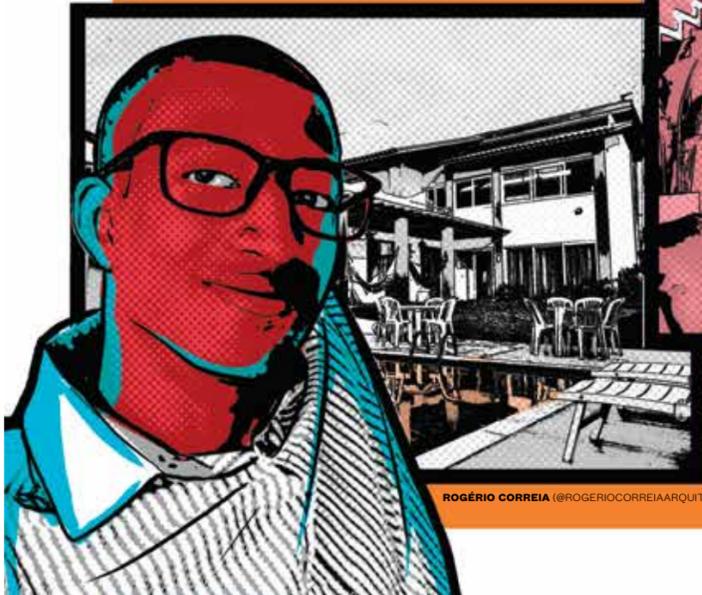
CÁSSIA LEMOS (@CASSIALEMOS.ARQ | @AT_ARQ)



MICHELE DE PAULA (@MICHEDEPALLA)



RAFAEL BITTENCOURT (@RAFAELBITT | @RBSTUDIOFICIAL)



ROGÉRIO CORREIA (@ROGERIOCORREIAARQUITETO)

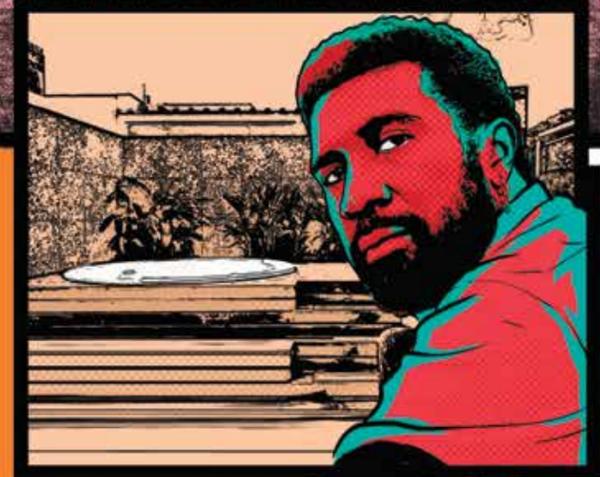


BÁRBARA VITORINO (@BARBARAVITORINO.ARQ)

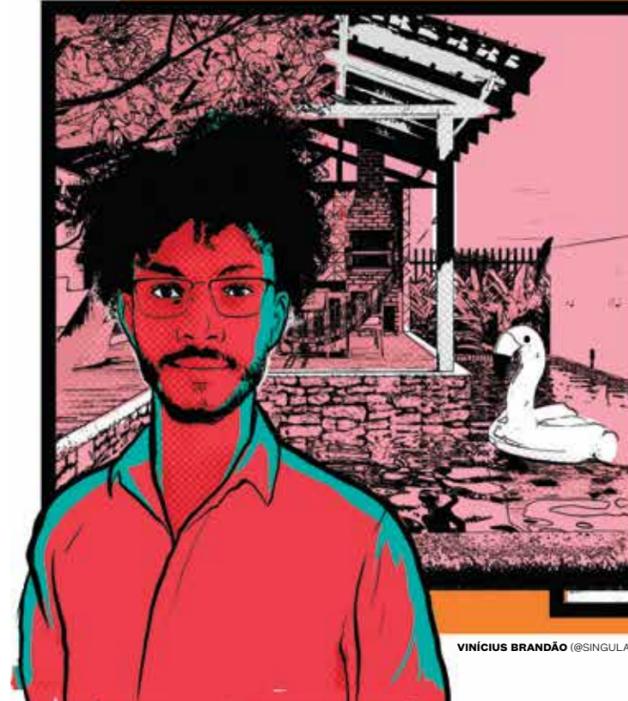
MARCUS VINICIUS DAMON (@MVDAMON | @ESTUDIOMODULO)



LUCIANA LIMA (@LUCIANA.LIMA)



LUCAS TEIXEIRA (@EULUCASHELIO | @TAPEREBARQ)



VINICIUS BRANDÃO (@SINGULAR.ARCH)



LEIDE LAJE (@LAJE_ARQUITETURA)

Naquela dispersão miserável começava a liberdade. Para alguns as matas e os novos quilombos foram a única alternativa de moradia. Para todos, o preço da liberdade era a miséria. Pensar políticas de habitação popular é reparação, sim, responsabilidade pública e Direito do Cidadão Negro.”

Kamila Maciel (@kaamilamaciel @trama.arquiteturainteriores)

Baseada em Alfenas, sul de Minas Gerais, a arquiteta de 26 anos atua há quatro deles no mercado. Filha de professora do ensino fundamental, ela é uma das metades do escritório Trama, ao lado do sócio Breno Baldim. Kamila também milita no

a segurança, a desigualdade social e o acesso à educação. Estar em lugares onde a nossa cultura e cor não estão presentes só me faz pensar uma coisa: é lá mesmo que eu tenho que ficar e mostrar que existo e me reabastecer entre os meus.”

Camila Mastrorocco (@_studioke @urbanizai)

A arquiteta e urbanista de 26 anos é a fundadora do Studio Ke, voltado para projetos de arquitetura e interiores. Mas ela também tem sociedade na Martins e Menezes, empresa dedicada à execução e gerenciamento de obras, que conduz juntamente com a engenheira civil Taimara Menezes. Atualmente, Ca-

gras, por meio de isenções fiscais para as empresas que cheguem a uma certa porcentagem no seu quadro de colaboradores.”

Bianca Fernandes (@arqbiancafernandes)

Multiplicar-se parece ser o x-fator dela, apaixonada pelo segmento da neuroarquitetura, área que interpreta como o espaço físico interfere em nosso cérebro. As reações distintas que esses ambientes podem desencadear em nosso organismo são o foco de investigação do segmento. Dona de escritório próprio baseado na cidade de São Roque, interior de SP, também atua como gerente de projetos no

pão Estúdio Criativo. “A discussão ainda está muito entre as pessoas negras. É um caminho longo a ser percorrido, mas tenho notado mais visibilidade e principalmente que alguns veículos de comunicação estão dando mais espaço para isso. As cidades são construídas e geridas majoritariamente sob a ótica de homens brancos e isso reflete em como a população periférica e negra ocupa a cidade. É preciso que dentro das políticas antirracistas se discuta também a ocupação dos corpos não brancos nos meios urbanos e que se considere a criação de políticas públicas que ofereçam o acesso dessa população às moradias de qualidade e assistência

WISIBILI

grupo Coletivo Negras e Negros de Alfenas (CNNA).

“A ideia de que o Brasil é um país branco faz com que as áreas do âmbito social e econômico continuem a trabalhar de forma a estruturar o racismo e o estudo europeu ser único e exclusivo, perpetuando por vários setores – e a arquitetura não é diferente. Ela foi criada de forma elitizada, onde só pessoas com grande poder aquisitivo desfrutam do conforto, mas esquecem que muitas soluções arquitetônicas vieram a partir de referências africanas e indígenas – essas expressões aparecem com frequência mas não são citadas. Aprendi na prática que a invalidação de falas negras na arquitetura é silenciada de forma sutil. Para reverter a situação é preciso entender que somos tão capazes quanto qualquer um pode ser, persistir em apresentações em que a cultura de negritude esteja presente em proporção igualitária. É preciso mostrar que existimos e resistimos, por isso, lutar por lugares acessíveis a essas pessoas, persistir na diversidade dos povos e enaltecer a grandeza de nossa raça faz com que vários dos problemas criados pela própria sociedade sejam diminuídos como a violência policial,

mila também trabalha com consultoria na cadeira de Arquitetura e Patrimônio do Conselho Municipal de Limeira, além de ser co-fundadora da Associação Urbanizai – que trata de temáticas relacionadas a deixar as cidades mais acessíveis e acolhedoras.

“É preciso que estas discussões ultrapassem as indignações nas redes, que também são muito importantes, mas é necessário que saiam das bolhas sociais e que as pessoas realmente queiram ser antirracistas, e não só não parecer antirracistas. Pois ser antirracista é trabalhoso, é preciso passar a rever atitudes e privilégios, e nem todos estão aptos a mexer na estrutura existente. Estes assuntos precisam ser levados como pauta para debates nas escolas e faculdades, pois os adolescentes serão nosso futuro. Acredito também que temos que trazer as periferias e as favelas como centro da política e para os debates, uma vez que elas são formadas, majoritariamente, por negros. Outros caminhos também são o fortalecimento, a valorização e o consumo de produtos de empreendedores negros e oportunizar vagas de emprego em grandes empresas para negros e ne-

escritório Karina Pontes, além de fazer modelagem 3D para outros profissionais.

“O principal de tudo é foco. Focar em quem queremos ser profissionalmente e no nicho que queremos atender no ramo da arquitetura, por ser uma área muito ampla. Quando temos isso muito definido na nossa vida, qualquer situação desafiadora que se apresentará será um motivo para ficarmos ainda mais fortes. Eu sempre e até hoje continuo estudando diversos temas, assuntos e softwares para assim manter-me atualizada – por ser mulher, em uma obra, isso deve ser dobrado. Temos que ter uma postura e tom de voz firmes, em dobro, para haver o devido respeito como profissional.”

Loany Gonzaga + Raissa Brasil (@loanygonzaga @raissa.brasil @galpao.estudio)

Brasiliense criada nas Gerais, Loany cravou raízes por lá. Formada pela Federal de Uberlândia, ingressou nas cotas raciais. A co-fundadora Raissa Brasil passou pela graduação de Arquitetura, mas encontrou-se mesmo no curso de Engenharia Civil. Dessa parceria nasceu o Gal-

técnica. A maioria das ações que levam melhoria para as habitações da população de baixa renda, ainda parte da sociedade civil, por meio de coletivos, instituições filantrópicas e organizações não-governamentais (ONGs). Não vemos como uma utopia que as práticas antirracistas cheguem também na arquitetura. Acredito que a mudança deve começar desde o nosso ensino nas universidades até a nossa inserção no mercado de trabalho. Quando arquitetos e arquitetas passarem a enxergar as pessoas negras e periféricas como um público-alvo, quando essa população passar a ser vista como detentora do poder de compra pelos bancos e financiadoras, e quando o poder público criar ações para que todos esses personagens se conectem, a arquitetura vai começar a se tornar menos elitista e mais acessível para a população como um todo. O caminho vai ser longo e lento, mas ainda acredito numa sociedade igualitária, com mais negros e negras ocupando espaços decisórios, cadeiras nas universidades e em conselhos de arquitetura.”

Cássia Lemos (@cassialemos.arq @at_arq)

Filha de mãe costureira e pai operário, a gaúcha de Porto Alegre tem 26 anos e é formada em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ela atua no escritório AT arquitetura. “Acreditava que não conseguiria cursar graduação pelo alto custo da faculdade e que minha família não teria como subsidiar – até então, não sabia da existência e da função de uma universidade federal, então decidi cursar técnico em edificações, pois me daria conhecimento na área e conseguiria me colocar no mercado de trabalho de maneira rápida, além da segurança de que estava fazendo a escolha certa. Recém-formada técnica, ingressei na

Ela é natural do ABC Paulista, residente em São Paulo e formada em arquitetura e urbanismo pela UBC. Michele trabalhou por três anos no ramo da engenharia civil, até que decidiu mudar o cenário e partir para o caminho da criação. Hoje atua de forma autônoma com projetos residenciais, comerciais e de interiores em várias cidades. Em seus trabalhos sempre procura incluir práticas sustentáveis a fim de colaborar com o meio ambiente. “É como diz aquela velha frase: por ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí eu chamo atenção para um trecho da música dos Racionais MC’s: “(...) A vida é desafio: Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas” (sic). Enfim, na arquitetura não é diferente já que trata-se de uma área igualmente predominada por brancos. Nessa perspectiva, nós negros temos que invariavelmente nos destacar. Assim, eu procuro estar sistematicamente me atualizando, pesquisando, me qualificando para tanto solidificar meu conhecimento como profissional bem como expandir meus potenciais. Acredito que esse movimento #BlackLivesMatter é muito importante em muitas áreas e aspectos, que vem criando forças potentes. Se por um lado, ‘vidas negras importam’ para que as forças de segurança parem de nos matar, vidas negras também devem importar para se consolidarem po-

envolvimento com elementos que enaltecem a cultura afro, o que também simboliza um sinal de resistência da nossa cultura ancestral em face do imperialismo cultural europeu. Destaque-se que devemos reivindicar mudanças, fazer a nossa parte, lutando por uma sociedade no mínimo igualitária, universalizando-se o saneamento básico, moradia de qualidade com foco nas periferias e favelas, eis que, como dito, são elas infelizmente o local onde está concentrado boa parte do público negro. Assim, proporcionar melhor qualidade de vida para essa população mais prejudicada já é um movimento antirracista.”

Rogério Correia (@rogeriocorreiaarquiteto)

Baseado em Camaçari, o baiano estudou arquitetura e urbanismo na UFBA com pós-graduação em engenharia de segurança e está no mercado há 10 anos, entre estágios e colaborações em escritórios. À frente do Lume, que considera um laboratório de ensaio da arquitetura, assina propostas que fogem de formatos padronizados ao buscar humanização do projeto e a pessoalidade das relações.

“A falta de visibilidade preta e, principalmente, audição de nossas vozes passaram a ser questionadas e muitos foram aqueles que saíram da sua zona de conforto e questionaram o sistema vigente. O que era tolerante passou a ser intolerável, o que era brincadeira

ralidade de formas de fazer e pensar se desdobram com as soluções inventivas mais criativas possíveis, enviesadas com histórias pessoais. E isso que é muito legal na luta antirracista, a ancestralidade se carrega ainda mais! Esses saberes produzidos vão sendo passados, apurados e postos em prática. A luta se dará primeiramente com a conscientização coletiva que o padrão de arquitetura que está hoje no mercado não foi feito para preto! E nem precisamos dele, pois somos mais, muito mais! Precisamos romper com o sistema e criar um novo, conscientizando com nossas ações nossos fornecedores e colaboradores, valorizando os nossos e adotando política de zero tolerância às discriminações – machismo, homofobia, racismo, gênero, etc – pois não é apenas a luta antirracista, trata-se de uma reformulação dos valores dessa sociedade.”

Bárbara Vitorino (@barbaravitorino.arq)

Nascida no interior da Bahia, mas residente em Salvador, ela cursou arquitetura e urbanismo na Federal da Bahia e Design de Interiores na EBADE. Atualmente trabalha de forma autônoma com projetos comerciais e residenciais em diversas cidades. Bárbara é mestrandada UFBA, onde desenvolve pesquisa sobre bairros negros e também cursa pós-graduação em iluminação e neuroarquitetura pelo IPOG. “Acredito que, possivelmente, mo-

DRADRE

universidade federal – inclusive, sou a primeira de minha família a ter curso superior. Ao longo da graduação, apesar das incontáveis dificuldades, fui me encantando cada vez mais pela profissão e os estágios que fiz ao longo do caminho também ajudaram a fortalecer essa admiração pela profissão, que cada dia me traz mais realizações e alegrias.”

Michele de Paula (@arq.micheledepaula)

líticas públicas de urbanismo e habitação para a classe popular, foro populacional composto massiva e historicamente pelo povo preto. Reconheçamos que há ainda muito a melhorar. Acredito que o movimento é necessário para mudanças e pode ser lido como um pontapé sob uma perspectiva macro. Por outro lado, sob uma perspectiva micro, entendo que como profissional e cidadã negra, devo cada vez mais enriquecer os trabalhos em que me

virou ofensa... E por aí vai. Essa mudança de pensamento refletiu na arquitetura com conscientização de muitos pretos arquitetos e, consequentemente, com a busca de suas raízes, vindo com isso a valorização da arquitetura ancestral de África, bem como o lembrar dos artistas e arquitetos negros como o Tebas e o Aleijadinho. O interessante da utopia é que na sua intangibilidade várias são as proposições para alcançá-la, e essa plu-

vimentos por igualdade e reparação como o #BlackLivesMatter podem levar ao debate de direitos básicos, como o acesso à moradia de qualidade. E sabemos que não é possível tratar de moradia de qualidade sem a atuação do arquiteto, que é o profissional com capacidade técnica para projetar estas moradias. No entanto, considerando que ainda hoje a arquitetura é vista como um serviço elitizado, acredito que seja um processo lento e

HYAGO ANDRADES (@HYAGOANDRADESARQ)



YARA ELIAS (@YARABYA | @LYNHAS.ARQ)

CAROL NOBRE (@CAROLNOBRE | @ESTUDIOCOBRE)



JULIANA CRISTINA BORGES DE LIMA (@ARQUITETURAHUBLAR)



ALINE GONÇALVES (@ALINEPDG | @PLATZCONSULTORIA)



BEATRIZ MESQUITA (@BOLUCHARQUITETURA)

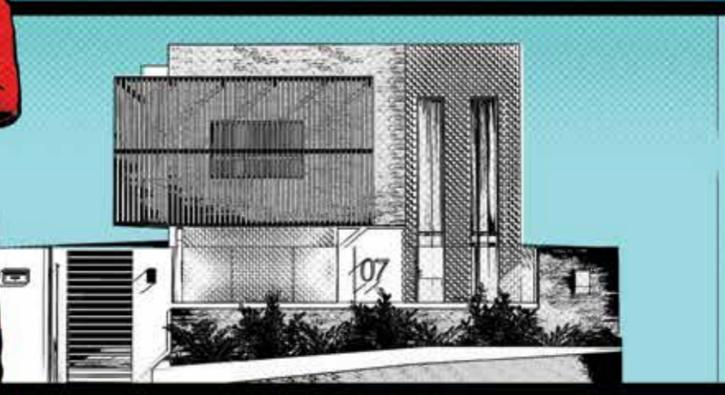
MICHELE WHARTON (@STUDIOSWARQUITETURA)



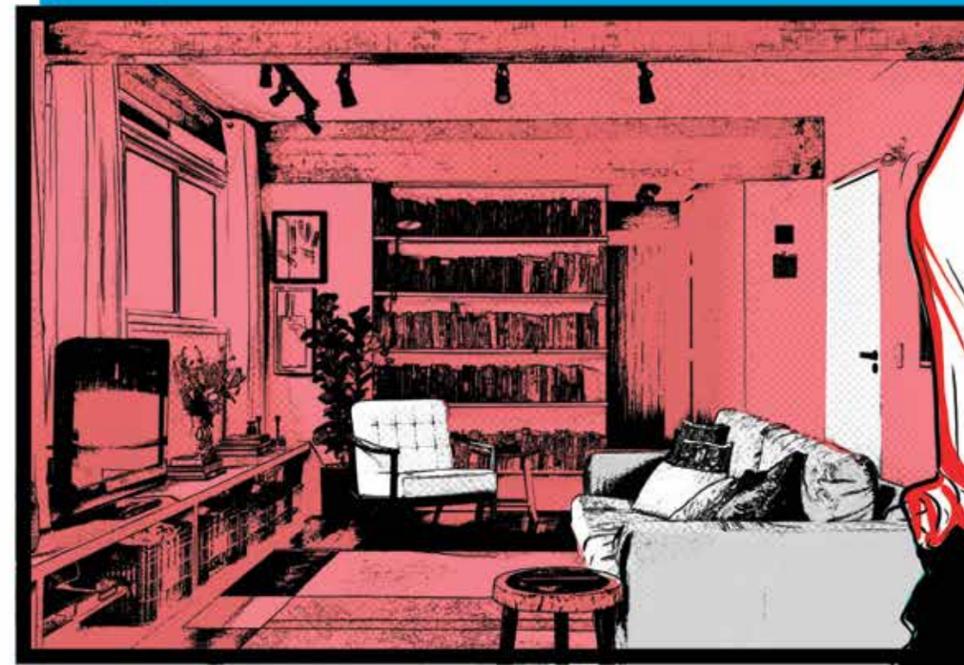
LÉIA CEZARIO E WILLIAM GOMES (@WL.ARQENG)



JÉTHER GAMA (@JETHERGAMA.ARQUITETURA)



ANA VIANA (@BUJI.COM.BR)



paulatino – que envolve um esforço conjunto de arquitetos, poder público e sociedade, a fim de que o alcance de nossa atuação seja cada vez mais amplo e influencie positivamente o maior número possível de vidas.”

Marcus Vinicius Damon
(@mvdamon
@estudiomodulo)

Dono de biografia que foge à regra da maioria dos arquitetos brasileiros, Marcus cresceu no bairro do Cangaíba, na zona leste de São Paulo. O arquiteto e urbanista graduou-

Leide Laje (@laje_arquitetura)

Ela conduz o escritório soteropolitano Laje Arquitetura. Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Unifacs, desde 2015 Leide desenvolve projetos arquitetônicos e de interiores voltados para à sustentabilidade e também realiza con-

amor e dedicação. Sempre tentei colocar a minha atenção no que realmente importa e ser responsável apenas pelo que EU faço ou digo, que é o que me define. O segredo é ocupar espaços, por meio do trabalho, incentivar e ajudar novos arquitetos, fornecedores e

ção social aplicado, não uma ciência exata. Projetamos e elaboramos intervenções visando o bem de quem usará. A arquitetura vai além do contemplar, além do projetar, é preciso sentir a arquitetura, como se fossem emoções, sentimentos. Sabe aquelas reações que temos ao entrar em um lugar novo ou diferente? São as mesmas que devemos ter em cada espaço que entramos, conhecemos, vivemos, habitamos.”

Luciana Lima
(@luciana_lima)

Filha de professores, ela e a irmã tiveram os estudos como prioridade e, com bolsas, frequentaram bons colégios. Depois vieram as universidades públicas – e a UFRJ foi a sua escolha. Depois de formada, trabalhou até 2004 no banco Opportunity com arquitetura corporativa. Era a época das dotcoms e ela pode participar da

lia que tem curso superior. Temo que boa parcela do mercado esteja confortável com os seus privilégios e não vá além de ações que tenham reflexos superficiais. Vejo iniciativas como o Arquitetas Negras, da Gabriela de Matos, que surgiu bem antes do #BlackLivesMatter, como um caminho importante. São profissionais negras atuando e gerando discussão. Fazendo a roda girar. É preciso tornar natural a presença negra ao longo de toda a cadeia da Arquitetura e Design, no meio acadêmico, projeto, execução e consumo.”

Vinicius Brandão
(@singular.arch)

Natural de Aracaju, o arquiteto de 25 anos atua há dois no mercado sergipano em sociedade com a arquiteta e urbanista Thamires Barbosa, pelo Singular Arquitetura e Interiores. O escritório assina pro-

Aline Gonçalves
(@alinepdg @platzconsultoria)

A arquiteta é a mentora da Platz Arquitetura e Consultoria, empresa pioneira na gestão de projetos na região de Ribeirão Preto. Ela também atua na coordenação de projetos executivos do Studio Bild. Há 12 anos, Aline trabalha na concepção, desenvolvimento e gestão de empreendimentos imobiliários (comerciais e residenciais). Como gestora de projetos, ela otimiza com excelência as obras em empreendimentos de todos os portes, de modo a equilibrar tempo e dinheiro ao melhorar a produtividade das equipes. A profissional também compartilha esse conhecimento com outros colegas da área por meio de mentorias.

“O movimento #BlackLivesMatter coloca um pouco de luz para a nossa realidade. Mas ilumina poucas pessoas, somente as que já tem sensibilidade para o tema. Nós enxergamos o outro a partir da nossa realidade, ou seja, grande parte das pessoas não conseguem entender a importância do movimento simplesmente porque não dói nelas, e nem em ninguém do convívio delas. E quando dói em nós, normalmente, não compartilhamos com os

Carol Nobre (@carolnobre @estudiocobre)

Carol, 25 anos, é fixada em Vila Velha, Espírito Santo. Formou-se em 2018. A arquiteta do Estúdio Cobre acumula experiências profissionais na área de projetos, desde o primeiro período na faculdade. Após a graduação atuou como sócia de um escritório antes de alçar voo solo no estúdio próprio. Ela busca criar experiências projetuais que contemplem a criação junto às vivências individuais de cada pessoa e de cada lugar.

“Minha mãe é engenheira e minha primeira lembrança da arquitetura é a obra da nossa casa na infância – a realização de um sonho. Confesso estar numa posição privilegiada neste contexto, pois muitas pessoas negras não têm nem acesso ao que é arquitetura, ao que ela pode proporcionar. Aliás, muitos não têm nem moradia digna ou sequer a oportunidade de estudar, enfim, de driblar todo esse sistema estruturado. Sempre reparo em quantos arquitetos negros há nos eventos, viagens, lojas – e é triste me enxergar, na maioria dos casos, sendo a única (ou uma das cinco). Também não me recordo de ter estudado na faculdade sobre os ensinamentos construtivos dos povos ancestrais. Acho que o #BlackLivesMatter trouxe mais visibilidade ao debate antirracista – as pessoas acordaram. ‘Olha, temos arquitetos negros, hein!’. O movimento gera visualização e valorização destes profissionais. É muito difícil acre-

Rafael Bittencourt (@rafaelbitt @rbstudioficial_)

O soteropolitano de 28 anos é arquiteto e cenógrafo formado em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Salvador, pós-graduando em Master Lighting e práticas projetuais. Atualmente divide seu tempo entre os projetos arquitetônicos e os cenários para teatros, musicais, festas e eventos corporativos. Rafael também elabora projetos artísticos que levam entretenimento e informação aos seguidores no perfil do RB Studio e debate pautas cotidianas com outros amigos e colegas via tag #Deuinsight.

“O primeiro grande passo foi acreditar em mim, nos meus ideais e aceitar as minhas origens. Por meio disso as pessoas começam a te enxergar de outra forma e a confiar no que você faz! Eu lembro que quando deixei meu cabelo crescer recebi várias críticas, inclusive, sobre a profissão que exercia. Se eu não tivesse convicção de quem eu era, certamente ia cair nessa armadilha de padrões. Possivelmente não teria me encontrado no que faço e, provavelmente, estaria infeliz. Acredito que a força vem da confiança em nós mesmos, saber de onde vim e para onde quero ir! Obstáculos e empecilhos irão existir, mas a confiança vem com a coragem e te faz seguir em frente. Tudo é uma cadeia, se mexe com nós seres humanos, independentemente de classe, raça, crenças, orientação sexual, isso afeta todo o contexto. Creio que tudo começa na valorização do nosso meio, a começar pela nossa família, no nosso ciclo de convívio que reverbera para que tenhamos referências em quem se inspirar e ser inspiração também! Com a união dos mesmos propósitos chegaremos a novos espaços e novas conquistas.”

-se na FAU Mackenzie e tem mestrado pela FAU USP. Desde 2015 comanda, em sociedade com Guilherme Bravin, o Estúdio Módulo. Baseado em São Paulo, o coletivo está voltado à produção arquitetônica, design, interiores, desenho urbano, entre outras escalas. Paralelamente às pranchetas, o também

professor-coordenador da escola de cursos livres {CURA} – Cursos de Representação Arquitetônica – dedica-se à fotografia, projetos gráficos e audiovisuais. “Apesar de termos personagens históricos importantíssimos na arquitetura mundial – vide as pirâmides de Gizé –, temos pouquíssimos arquitetos negros na arquitetura moderna e contemporânea em destaque. O #BlackLivesMatter realmente estimulou um movimento para dar visibilidade ao trabalho de arquitetos negros, e isso já é um bom passo. Só espero que seja duradouro, não uma #hashtag que se perde daqui uns meses. Seria muito interessante vermos grandes marcas contratando arquitetos negros para fazer suas sedes, suas lojas, seus restaurantes e, por que não, os donos dessas marcas contratando arquitetos negros para projetarem suas belíssimas casas. O que digo pode ser traduzido de forma simples: queremos trabalhar, mas em pé de igualdade estrutural e de oportunidades, nem que, por um período de tempo, essa igualdade precise ser criada artificialmente por meio de cotas.”

sultoria ecológica por meio da empresa Laje Ambiental, de modo a levar inovação nas relações com os recursos naturais em condomínios, empresas e escolas.

“Acredito que os maiores desafios são divisões sociais de gênero, raça e estereótipos que a profissão carrega. A melhor forma de desconstruir essas barreiras é ocupando espaços, trazendo identidade e promovendo transformações que acreditamos, por meio do projetar. Entre os desafios que o racismo estrutural traz, a necessidade redobrada do profissional negro em comprovar a qualidade do seu trabalho é um dos pontos mais sensíveis, principalmente no início da carreira. Entender que a cor da sua pele gera dúvida quanto à sua capacidade profissional, logo, você precisa demonstrar que sabe o que está se propondo fazer, ter qualificação, ter conhecimento, saber se apresentar, ocupar o seu lugar e ser dona de quem você é. Acreditar muito em você. O meu profissional, hoje, diz muito sobre quem eu sou, por isso neste momento acredito que o melhor mecanismo para isso é o trabalho, focar energia no que acredita e realizar tudo com muito

outros profissionais que são impactados por essa segregação social, a ter também oportunidade e reconhecimento.”

Lucas Teixeira (@eulucashelio @tapereba_arq)

O arquiteto e paisagista é formado desde 2015 pelo Centro Universitário Augusto Motta. Baseado no Rio, atualmente gerencia sua empresa, a Taperebá Arquitetura, dedicada a projetos paisagísticos, obras e reformas dentro desse segmento. “A arquitetura é uma área de serviços ainda muito elitista no Brasil. Eu levei essa militância da acessibilidade para a minha empresa, Taperebá. Os protestos que ocorrem no #BlackLivesMatter são muito importantes, por questões sociais, por ações mais imediatistas talvez. No ramo da arquitetura, precisamos desconstruir uma classe que é quase exclusivamente elitista, que presta serviços para uma mesma classe também elitista. Precisamos desconstruir serviços e produtos ideologicamente conservadores e elitistas. Existe uma parcela da população, a maior, que precisa de serviços e produtos com a mesma qualidade. Arquitetura é um servi-

implantação de algumas. Depois, atuou por 12 anos na Petrobrás e, no ano de 2016, mirou na carreira solo, nos layouts residenciais que tanto amava – e que nunca deixou de projetar. Como sócio informal, nessa empreitada, divide as pranchetas com Eduardo Canellas, colega de faculdade, companheiro na vida e agora nos projetos. “As obras foram nossa última fronteira, por enquanto”, arremata. “Não sou aquela pessoa que sempre quis ser arquiteta, não tenho arquitetos na família. Aliás, sou da primeira geração da minha fami-

jetos de arquitetura residencial e de interiores caracterizados pelas influências regionais, mas sem deixar de lado a qualidade e a identidade dos espaços. “Precisamos ocupar nossos lugares e aproveitar as oportunidades como uma forma de se fazer presente, mostrando que também podemos estar ali, já que em muitos ambientes ainda somos minoria. Isso é uma ferramenta para incomodar e gerar reflexões, além de contribuir com a representatividade para futuros profissionais, nos fortalecendo cada vez mais.”

amigos não negros e, portanto, não os envolvemos nas nossas realidades. Acredito muito na força e na importância do movimento, mas não é o suficiente. Nós precisamos ocupar os espaços e reagir quando o racismo for identificado. Na arquitetura, os eventos, coquetéis, lojas, escritórios são espaços nos quais as pessoas não estão acostumadas ver negros como profissionais da área. Precisamos romper com a estrutura racista e mostrar nestes locais que nós existimos e somos extremamente competentes como qualquer outro profissional.”

Hyago Andrades
(@hyagoandradesarq)

Natural de Campos dos Goytacazes, o arquiteto de 22 anos foi aluno nos Institutos Superiores de Ensino do Censa e atua há um ano no mercado com projetos residenciais. “Preciso ponderar que, além



AUGUSTO SENNA (@AUGUSTOSENNA.ARO)



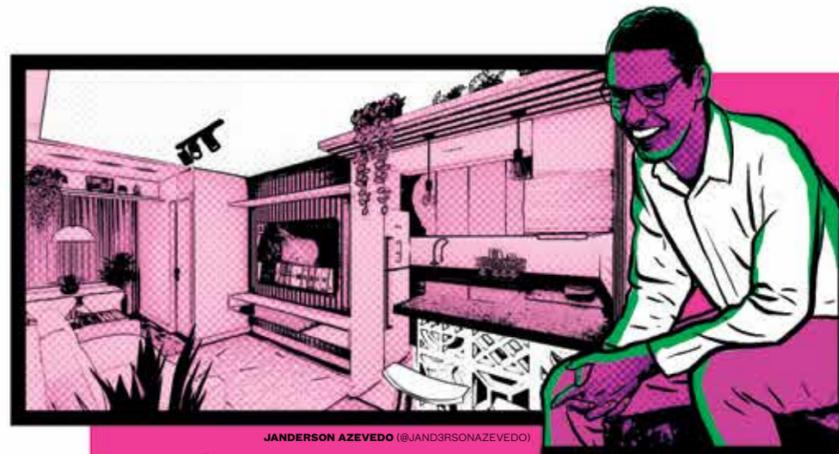
MARINA ROSA (@MARINADAROSA.ARO)



LULIAN SANTOS (@LULIANSANTOS) (REVESTINDOCASA) (@PLACONSPREZAS)



ROD LIMA (@RODLIMAAARQUITETO) (@MOOD.AC)



JANDERSON AZEVEDO (@JAND3RSONAZEVEDO)



RAFAEL ROSA (@RAFAELRANALISTACORPORAL | @C3RERPROJETOS)



SILVANA CARVALHO (@SILVANACARVALHOINTERIORES)



LETÍCIA AYRES (@LETICIAAYRES.ARQ)



SULAMITA DA SILVA (@SULAMITA_ARQ | @ARQ.AYA)



de uma paixão, a arquitetura tem me permitido acesso, por exemplo, para dar uma melhor condição de vida para minha mãe que tanto lutou pela minha educação. Fui bolsista durante toda a faculdade e vê-la sorrir com a reforma da casa é recompensador demais”, ressalta.

“A arquitetura sempre foi algo distante pra mim, por sempre tê-la visto como uma área elitizada e longe da minha realidade. Apesar disso eu sempre senti esse chamado para arquitetura e todas as circunstâncias me levaram à área – descobri nela a minha paixão e vocação. É extremamente perceptível a disparidade racial no mercado da arquitetura. Na minha cidade já presenciei e vivi diversas vezes situações constrangedoras e preconceituosas, mas sempre enfrentei e repreendi qualquer atitude racista e sempre que posso reforço a luta por profissionais pretos em áreas profissionais vistas como elitizadas. Parece haver uma certa dificuldade da sociedade em ver um preto como arquiteto e é esse tipo de comportamento que temos que lutar para normalizar. A pauta levantada pelo movimento #BlackLivesMatter é extremamente relevante e necessária, mas, infelizmente, ainda enxergo como utopia um mercado igualitário. Entendo que essas mudanças são gradativas, mas começam, por exemplo, quando marcas relevantes inserirem em suas campanhas, influencers e profissionais pretos na mesma frequência que contratam profissionais brancos. O mercado precisa mudar e essa luta precisa reverberar em todas as áreas da arquitetura e sociedade de modo geral.”

Yara Elias (@yarabya @lynhas.arq)

Arquiteta, urbanista, designer de interiores, técnica em edificações com pós-graduação em engenharia civil, a paulistana de 29 anos é a CEO do estúdio Lynhas Arquitetura. Empresária, é apaixonada por artes e partidária de projetos funcionais e personalizados, inspirados em viagens e pesquisas que decodificam o

lifestyle de cada cliente para atingir resultados singulares.

“Desde que optei por seguir essa carreira, notava o espanto em algumas pessoas quando dizia minha formação e minhas experiências, de forma que, aparentemente, elas duvidavam do meu potencial e da veracidade dos fatos. Foi então que aprendi a falar menos e observar mais. Busco sempre extrair o máximo de todas as experiências pelas quais eu passo, e acredito que tudo leva a um aprendizado. E quando eu não conseguia ser chamada para mais nenhuma entrevista de emprego, eu já havia aprendido o bastante para tentar ter o meu próprio negócio.”

Juliana Cristina Borges de Lima (@arquiteturahublar)

Formada pela Universidade Paulista em 2013, ainda no período da faculdade ela teve contato com projetos sociais para melhorias habitacionais. Fixada em Sorocaba, interior de São Paulo, Juliana mirou no nicho de mercado ignorado por profissionais brancos, que é a área de habitação de interesse social, e passou a atender famílias das classes C e D. Desde 2015, o seu escritório Hub Lar Arquitetura Popular foca na moradia digna e de baixo custo.

“Me formei no curso técnico de designer de Interiores, e já sabia que iria cursar engenharia civil ou arquitetura, mas sempre tive receio pelo mercado de trabalho. Pois é um segmento elitizado, a maioria dos grandes arquitetos são brancos. Tive medo, pois achei que se me formasse arquiteta, não poderia trabalhar na área. Mas segui em frente, fiz o curso e me formei. Não consegui fazer estágio durante os quatro primeiros anos do curso e sei que foi pela cor da minha pele, pois nas várias entrevistas que fiz, muitos arquitetos brancos questionavam se era isso que eu queria fazer. Pensei em desistir em alguns momentos, mas o meu sonho era maior. Hoje já estou há sete anos no mercado de trabalho, e ainda sofro com preconceito por parte de alguns clientes do escritório, pois atendemos o mercado de alto padrão. Nos eventos de arquitetura em Sorocaba, sempre sou a úni-

ca arquiteta negra. Algumas vezes sou questionada se sou arquiteta ou secretária do escritório. É uma luta diária, pois o racismo está presente no meu dia a dia. Nos condomínios que frequento, sempre sou questionada o que vou fazer no local, mesmo tendo meu cadastro já liberado. Sempre enfrento problemas com os porteiros, pois quando há troca de turno sou barrada na portaria. E a maioria dos porteiros é negra. Sofremos o racismo por parte dos brancos e dos negros que ainda não estão acostumados a ver outros negros nesses cargos. Para driblar essa situação estou buscando mostrar à população negra que ela pode ter acesso a esses serviços e que há um nicho de mercado grande, pois nossa população é muito ativa economicamente. E temos que conscientizá-los da importância do Black Money para o fortalecimento de nossos profissionais e para diminuímos o racismo estrutural. A maior parte dos clientes que atendo no meu escritório é negra e eles ficam muito contentes em ter uma profissional negra, com a qual se identificam. Isso é muito gratificante.”

Ana Viana (@buji.com.br)

Ela – com a parceira Bárbara Ávila – encabeça o Buji, escritório de referências inspiradoras baseado desde 2013 em SP. O QG foca em um décor mais acolhedor e que valoriza a estética com bem-estar. A dupla aposta na máxima de que a organização do fluxo dentro de uma morada reflete positivamente em outros aspectos da vida. Seu trabalho de repaginação inclui o uso das muitas coisas que o cliente já possui em casa e, se possível, sem a necessidade de obras.

“O movimento #BlackLivesMatter aqui no Brasil foi como uma vela se acendendo para que as pessoas brancas pudessem perceber o quanto é infinitamente menor a nossa representatividade em alguns setores. No que se refere ao mercado de decoração e arquitetura ficou evidente a desproporção da quantidade de profissionais negros em destaque, a perceber pelo tanto que as grandes marcas de decora-

ção ‘tiveram que suar’ para encontrar trabalhos de arquitetos negros para ilustrarem seus perfis e não ficarem ‘por fora’ na semana em que a # esteve mais em alta (risos). Como negra, o mais interessante para mim foi que com a # comecei a ter acesso ao trabalho de outros negros nas redes sociais – nos conectamos e agora podemos trocar experiências, como essa entrevista. Mas as dificuldades são enormes. É muito importante que se torne comum ver pessoas negras em fotos de equipes de arquitetura e design, em cargos de destaque, assinando projetos. Isso precisa ser normal. Nunca encontrei resistência por parte de clientes pelo fato de ser negra, porque quem compra nossos serviços já viu minha foto bem grande, na capa da página, e sabe que o nosso staff é formado por profissionais negros e brancos. Temos potencial para ocupar qualquer lugar de destaque tanto quanto um branco, desde que tenhamos oportunidade para chegar lá. Talvez o movimento BLM possa ser um sinal disso, que não queremos mais ficar nas sombras. Vai ter preto decorando – e morando em – casas bem decoradas, sim!”.

Jéther Gama (@jethergama.arquitetura)

Baiano de Feira de Santana, ele é arquiteto pelo Centro Universitário Jorge Amado. Sua paixão pela arquitetura vem desde sua infância, ainda que de forma intrínseca, ao observar seu pai que exercia a função de mestre de obras. Motivado pelo desejo de criar, ingressou na Universidade Federal da Bahia no curso bacharelado em Decoração, onde a possibilidade de transformar positivamente o mundo foi despertada, levando-o mais tarde a migrar de curso e escolher a arquitetura e urbanismo como profissão. Atualmente, trabalha com projetos tanto na capital e nas cidades da região do Recôncavo baiano.

“A visibilidade é algo que é muito ambíguo, que nos coloca em um paradoxo ‘és ela positiva ou oportunista?’. Acredito que na visibilidade em questão [#BlackLivesMatter] temos um pouco das duas. Mas o im-

portante é direcionar a atenção que foi dada, assim, acredito que de uma forma ou de outra foi lançado um questionamento mundial sobre as atitudes racistas estruturadas na nossa sociedade; e isso reflete e refletiu muito nas formas de consumo de bens e serviços. Fruto dessa inquietação despertada são inúmeros coletivos, páginas e profissionais da arquitetura e urbanismo que ‘surgiram’ nos últimos meses em pautas de ‘sociocracia’ e isso é maravilhoso, pois aponta-se nesse momento a possibilidade de fortalecer o ‘black money’ nesse mercado que é marcado pelo elitismo e branquitude. Então, como a calma depois de uma grande trovoadas, surge a possibilidade de apontarmos e construirmos uma arquitetura NOSSA, uma arquitetura feita por nós, para todos. Feita por sua vizinha preta que trabalhava durante o dia para custear a faculdade, feito pelo seu primo que passava 3h de ônibus para se deslocar até a faculdade e era parado nas barreiras policiais por estranhar um preto com um tubo telescópico. Nos foi apontada a saída. Temos excelentes profissionais que precisam de nós para dar continuidade à construção dessa arquitetura que deve ser cada vez mais cheia de colorismo. POR UMA ARQUITETURA PRETA, contrate um pretX!”.

Beatriz Mesquita (@oluchiarquitetura)

A paulistana é graduada em arquitetura e urbanismo com especialização em gerenciamento de obra e qualidade na construção civil. A proprietária do Oluchi Arquitetura realiza projetos arquitetônicos, interiores, planejamento e consultorias. Ativista, empreendedora e engajada em projetos de conscientização social, a arquiteta também foi ganhadora do concurso de Empreendedorismo Social na fundação Educafro em 2019. “Desde a época da faculdade, sentia a diferença de tratamento em relação aos meus colegas. Os professores tinham mais simpatia por aqueles que já tinham passado um tempo fora do Brasil, que faziam parte da elite – branco, classe mé-

dia e alta. Eles compactuavam com esse preconceito, coisa que me assustava muito. Foram tantas situações de indiferença, discriminação e preconceito no ambiente acadêmico que acabei me afastando do curso por um ano quando tive que aprender a lidar e digerir tudo que passei. Nesse período que estava ‘fora’ acabei estudando e me aprofundando no Movimento Negro – foi quando me fortaleci e entendi o que queria da profissão. A arquitetura é uma área da elite, as pessoas enxergam isso. Mas a partir do momento que vesti a camisa do Movimento Negro e comecei a me fazer algumas perguntas: Por que a arquitetura não chega para a classe mais baixa? Por que as pessoas da periferia não têm acesso à arquitetura? A partir daí me encontrei e comecei a trabalhar para atingir esse público e suprir o déficit que existe para essa classe social. Com empatia, já que também sou de uma região periférica, passei a entender a necessidade e o mercado para atender esse perfil que não era atendido por outros profissionais. Um diferencial que fazemos é um levantamento de tudo para a economia e aproveitamento, trabalhamos para diminuir o descarte e reutilizamos materiais – o que é super importante para o meio ambiente. Sempre atuo de acordo com a realidade financeira de cada cliente! É um olhar social e ambiental. Trabalho para cuidar das pessoas e do mundo!”.

Michele Wharton (@studiomwarquitetura)

Ela está há 17 anos no metiê com projetos de arquitetura, interiores, desenvolvimento de cenografias e mobiliários. Formada na Faculdade Belas Artes de São Paulo, em 2002, afoi a expertise na BW Engenharia e, em 2004, abriu o Studio MW Arquitetura. Apaixonada pelo universo do design, em 2015 lançou sua primeira linha de almofadas com aplicação de molas panamenhas, bordados costurados pelas índias Gunas, do Panamá. “Eu me moldei uma mulher segura e decidida da minha existência, o que é claramente demonstrado

no meu lado profissional. Isto vem da minha educação. Meus pais são panamenhos com descendência da Jamaica, região do caribe na América Central onde é pregado o Afrocentrismo, a ideologia dedicada ao estudo da história africana. A sua principal finalidade é buscar a de terminação, divulgar e incentivar o nacionalismo e orgulho étnico entre os afro-americanos como uma arma de efeito psicológico contra o racismo global. Eles acreditavam que para um negro ter sucesso era necessário ensinar aos próprios filhos que eles eram superiores – foi isso o que aprendi desde criança. Então quando iniciei minha carreira não tinha medo de tentar, de procurar e de ir atrás dos meus objetivos. A minha postura me afirmou. Não é que não houve obstáculos mas eu não me afligia por eles. Dos maiores desafios, o que persiste até hoje é o relacionamento com alguns trabalhadores e prestadores de serviços e até clientes que não estão acostumados a ver uma mulher negra em uma situação de poder. Eles não entendem que mulher não é um corpo frágil e que pode assumir uma posição de liderança. E que negro também lidera. Sim, negro é líder!”.

Léia Cezario e William Gomes (@wl.arqeng)

Sócios na profissão – e na vida – a arquiteta e urbanista Léia e o engenheiro William são os cabeças da empresa WL Arquitetura e Engenharia. O casal paulistano há tempos acalantava o desejo de ter o próprio negócio. No ano de 2016, o sonho virou realidade. O sucesso do projeto se deve a sintonia fina dupla: à ela cabe a elaboração dos projetos executivos e ilustrações em 3D; já ele é o responsável pela execução dos layouts, de modo que saiam do papel e sejam materializados com excelência.

“Meus pais me ensinaram que para ter lugar na sociedade temos que nos destacar e lutar por aquilo que queremos e jamais desistir na primeira frustração. Minha mãe deixou de trabalhar para criar três meninas – abriu mão de suas vontades para nos dar uma educação digna. Quando falei para meus pais que iria

cursar arquitetura ficaram atemorizados. Mas, sempre me apoiaram. Quando ingressei na faculdade, tive a plena certeza que fiz a escolha certa e hoje sou apaixonada pela arquitetura e percebo diariamente que não se trata apenas de projetar ambientes belos, e sim oferecer às pessoas um lugar para se chamar de lar, onde elas possam se sentir acolhidas e abraçadas. Acredito, sim, que a arquitetura tem o poder de transformar sentimentos, aumentar a autoestima e, sem dúvidas, melhorar a qualidade de vida do ser humano. Acredito que o #BlackLivesMatter é necessário assim como outros movimentos, porém, acredito que falta muito na arquitetura brasileira, pois há muitas empresas e marcas que perpetuam essas ações, hábitos, falas e pensamentos que causam, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. Uma ação que atinge tão duramente e diariamente a população negra.”

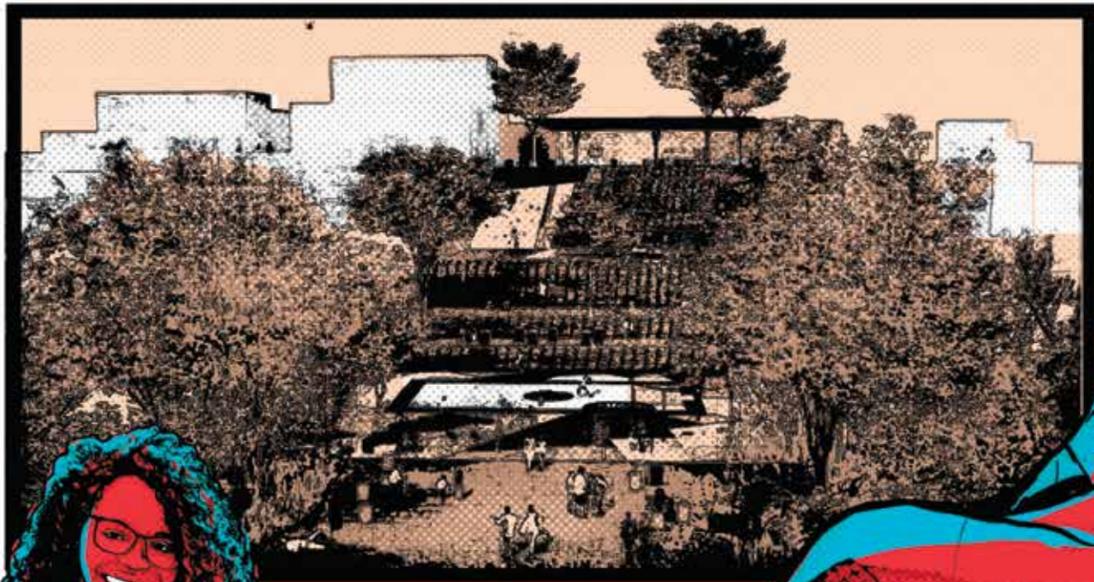
Lilian Santos (@lilianchsantos @revestindoacasa @faladaspretas)

A paulistana de 30 anos é designer de interiores com pós-graduação em marketing e CEO do Revestindo a Casa. A plataforma transformou-se em referência ao desvendar os segredos do universo dos revestimentos. A influenciadora tem expertise de sobra para compartilhar conteúdos, ministrar palestras e consultorias para empresas e clientes em geral. Com sangue empreendedor, acaba de lançar a pioneira Escola do Acabamento – espaço dedicado a profissionais e estudantes que desejam compreender os detalhes dos acabamentos numa obra, sem deixar de lado tópicos relevantes como as louças e os metais. Ela também integra o time de colonistas da Casa Vogue e é uma das cabeças do Fala das Pretas, perfil dedicado a abordar temas sob aspecto da negritude.

“Acredito na força do movimento #BlackLivesMatter e percebo como um caminho sem volta, que toda a sociedade se mova e aposte nas políticas antirracistas de verdade para quebrar este sistema estruturado. Sempre tive uma postura de



ESTER CARRO (@STER.CARRO | @FAZENDINHANDO)



KARINE VENCESLAU (@KARINEVENCESLAU.ARQ)



RUAN LIMA (@ARQ.RUANLIMA)



RIVA FEITOZA (@RIVAFEITOZA.ARQUITETA | @ARQUITETURAPARAPOVO | @CANESERGIPE)



LUCIANA MORAIS (@MORAIS.ARQUITETURA)



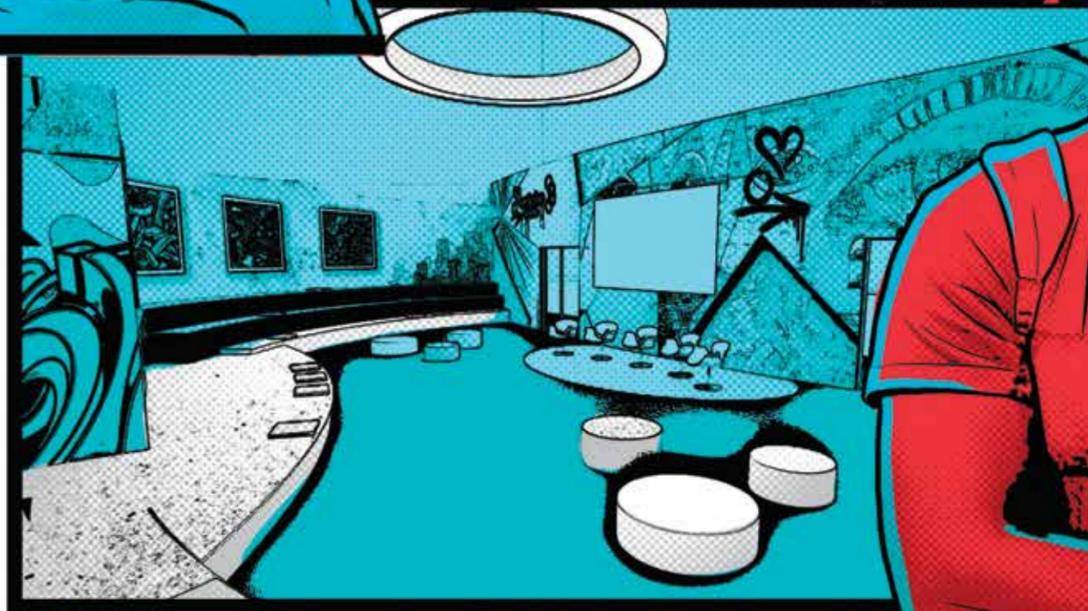
JOYCE ANACLETO EUFRAZIO (@JOYCEANACLETOEUF.ARQ | @DEFORMA_PROJETOS | @LOJAONAOFICIAL)



CÉZAR AUGUSTO FIGUEROA (@CEZARFIG | @136.ARQ | @DESEMBOLA_DECOR | @VENTINADESIGN)



LARISSA PAIVA (@ESTUDIOHABITAR_)



JORDESON SILVA (@JS_ARQUITETURA.E.CENOGRAFIA)

FIMBODE

não comentar as questões étnico-raciais nas minhas redes sociais com receio de ser ‘cancelada’ na internet. Hoje percebo que estava completamente equivocada: é necessário falarmos sempre. Quando me posicionei, em vídeo que viralizou, em relação ao racismo que enfrentamos no dia a dia, compreendi o tamanho de minha responsabilidade enquanto uma das poucas influenciadoras negras desse mercado. Percebi que o meu engajamento melhorou ao me conectar de modo mais humanizado com meus seguidores. Acredito que só esteja no começo da jornada mas fico muito emocionada de servir de referência para tantas jovens mulheres pretas que querem trilhar na nossa área mas que implicitamente é dito para estas pessoas que aquele lugar não lhes pertence. O meu objetivo é trabalhar com este tipo de influência que impacta vidas de verdade.”

Augusto Senna **(@augustosenna.arq)**

Passar despercebido nunca foi a intenção do arquiteto e urbanista de 28 anos, que mescla suas qualificações em design de móveis, produtos e construção civil para projetar com evidência e bem-estar. Natural de Senhor do Bonfim, região norte da Bahia, mudou-se ainda na infância para Salvador, onde vive atualmente. Começou a ganhar notoriedade ainda como estudante, mas a virada na trajetória aconteceu ao participar da badalada mostra de décor Casacor Bahia.

“Fui educado para saber me impor e enfrentar a ‘tal sociedade’ que me veria diferente – sabia que as dificuldades seriam muitas e surgiriam a todo tempo, como de fato aconteceu. Por conta disso me esforcei além do normal para ter destaque sempre em tudo que fazia, e com isso poder ‘sustentar a minha cabeça’ a ponto de não baixá-la nunca para nada e nem ninguém que tivesse intenção de me diminuir. Assim fui vencendo obstáculo por obstáculo, me dedicando, e não permitindo ser posto como inferior por ninguém. A ousadia, a vontade de vencer e a personalidade forte influenciaram bastante no homem que me tornei, pois elas me permitiam chegar em lugares jamais imaginados antes. Talvez se tivesse dado ouvido e acreditado em tudo negativo que me diziam, não tives-

se chegado onde estou! E hoje me permito dizer que estou exatamente onde desejei, almejando sempre melhoras. E sigo fingindo não me importar com esse sistema enraizado que direta e indiretamente sempre nos ataca e tenta nos deixar invisíveis.”

Marina Rosa **(@marinadarosa.arq)**

Arquiteta e urbanista graduada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ela atuou por dois anos no mercado de mobiliário personalizado, quando descobriu seu interesse por arquitetura de interiores ao compreender que cada pessoa tem uma história a ser contada.

“O colonialismo impediu nossa capacidade de enxergar as coisas não-brancas como tudo na nossa história ocidental, não só a arquitetura. O nosso apagamento (índigena e negro) jamais será revertido. Não é sobre voltar, mas é olhar para trás para darmos o impulso e poder seguir adiante. Acredito que honrar nossos ancestrais nos dá a possibilidade de fortalecer essa identidade. A história está aí para ser contada e ser escrita, lançar um olhar ‘descolonizador’ para a arte, a cultura, a arquitetura, a política, enfim, todas as esferas. Isso pode nos levar a um novo capítulo onde essas histórias apagadas poderão enfim serem contadas e terem o reconhecimento devido. A partir do momento em que as pessoas passam a discutir raça, em âmbito global e local, já é algo positivo mesmo sem resultados aparentes. Porém, temos estruturas fortes demais para serem quebradas de uma hora para outra. Apenas discutir não quebra essas estruturas. Deve haver reflexão e ação. Não normalizar que mesmo que por lei de cotas, ainda tenha apenas um negro dentro da turma, mas começar a propor mudanças curriculares que não apaguem a história de civilizações não-brancas... Enfim, são pequenos passos realizados aos pouquinhos.”

Rod Lima **(@rodlimaarquiteto @mood_ac)**

Baiano radicado no Rio de Janeiro desde 2014, o arquiteto formado pela UFBA encontrou o caminho da cenografia e do set design – o criativo integrou o time de cenógrafos da rede globo, tanto na dramatur-

BRANMNT

gia quanto em reality shows como o BBB19 e BBB20. Hoje, toca o escritório Mood com seu sócio Vinicius Portinari.

“A arquitetura se apresentou para mim de uma forma muito brutal e falo isso porque fiz parte da primeira turma de cotas da Universidade Federal da Bahia, em 2005. No momento não tinha a consciência negra que tenho hoje, pois durante toda minha vida em escola pública e vivendo entre meus semelhantes, não tinha visto o racismo estrutural se apresentar dessa maneira tão excludente, então na faculdade isso se mostrou de maneira nua e crua. Porém, por ser muito comunicativo e permeando vários círculos, consegui driblar essas barreiras que afastam quem não é branco, dentro de uma faculdade totalmente elitista. Óbvio que sofri na pele alguns tratamentos que até então não entendia, e via amigos sofrendo mais ainda quando o tom de sua pele era mais escuro, e isso a gente sabe muito bem que é o racismo disfarçado numa avaliação subjetiva. Por isso considero a comunicação a minha maior arma contra o racismo: fale, se posicione, esteja em qualquer lugar. Acredito que sem utopia não há revolução, então por mais idealistas que possamos ser, a ação é que transforma, então os movimentos como o BLM são importantíssimos para mostrar a nossa força e, mais importante ainda, é que nós, enquanto negros, uma vez que conseguimos furar a barreira do sistema podemos dar suporte a outras potências negras a ingressarem nestes lugares e mudar de dentro para fora, seja na arquitetura, nos negócios, no judiciário ou em qualquer área.”

Sulamita da Silva **(@sulamita_arq @arq.aya)**

Natural de Salvador, a baiana de 31 anos é arquiteta e urbanista graduada pela UFBA com atuação no desenvolvimento de projetos arquitetônicos residenciais, comerciais e corporativos. É sócia no escritório de arquitetura popular Aya, juntamente com a arquiteta Luciana Santana, onde buscam oferecer serviços de arquitetura de maneira mais acessível.

“Na faculdade percebi o quanto cursar arquitetura era difícil, às vezes inacessível, para muitos. Custo alto com materiais, livros, equipamentos e por aí vai. No mercado, percebo que a maior dificuldade vem a partir de uma visão estereotipada dos profissionais negros. É perceptível que muitos nos consideram inaptos e desconfiam de nossa capacidade. Por isso sempre procuro aperfeiçoar minhas técnicas projetuais e meu repertório técnico. A arquitetura, apesar de sua função social, ainda é inacessível para a maior parte da população, que é negra e periférica. Então é fundamental a discussão sobre como os negros ocupam as cidades e como são as condições de moradia. Acho que o movimento #BlackLivesMatter, de certa forma, conseguiu evidenciar um pouco mais a pauta contra o racismo. No entanto vejo muitas pessoas se autodenominando antirracistas, mas sem nenhuma intenção de se desprender das amarras que pautam o racismo. Acredito mesmo é que nós precisamos cada dia mais nos voltar para o nosso povo. Fortalecer, valorizar, consumir, contratar.”

Leticie Ayres **(@leticieayres.arq)**

Natural de São Luís, Maranhão, e graduada desde 2007 em arquitetura e urbanismo pela Universidade Estadual do Maranhão, ela também cursou MBA em Gerenciamento de Projetos – FGV. Após experiências em alguns escritórios construtoras/incorporadoras, Letície resolveu construir seu sonho e empreender em estúdio próprio onde faz gerenciamento de obras e projetos arquitetônicos e de interiores, sempre pautados em conforto ambiental e eficiência energética. Para ela, a arquitetura tem um papel fundamental na obtenção da qualidade de vida das pessoas.

“Estas hierarquias raciais estão fortemente materializadas na arquitetura. O curso é extremamente elitista, tanto para os profissionais quanto para clientes deste segmento. Não temos referências de profissionais negros na arquitetura, quando você olha para os lados e não vê representatividade alguma, tem algo errado nessa história, não devemos entender como normal. Meu mecanismo para driblar esse sistema foi fazer sempre o meu melhor, mostrar que sou capaz e jamais abaixar a cabeça. Sempre acreditei no poder da educação, só ela poderia me proporcionar um futuro melhor, assim a determinação tem que ser constante. A cada surpresa quando veem algum trabalho seu e argumentam se é de sua autoria, quando buscam outro profissional no canteiro de obras, em lojas perguntando se você é a arquiteta, estas ações são evidências que o preconceito existe e você precisa constantemente provar que pode fazer, que não está ali por acaso.”

Silvana Carvalho **(@silvanacarvalhointeriores)**

A designer de interiores atua no mercado de Minas Gerais há oito anos e é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de São João Del Rei.

“Acredito que o movimento #BlackLivesMatter abriu a questão do racismo para que nós negros possamos nos conhecer e reconhecer. Nesse sentido, podemos nos

critórios, empresas e governantes precisam olhar para os que não são privilegiados, analisar currículos de forma justa, igualitária, pois só assim veremos diversidade e estaremos presentes nos lugares que nós quisermos e temos o direito, para mostrar nossa competência e qualidade, sem medo de não nos aceitarem.”

unir e nos organizar para diminuir as diferenças e nos tornar maiores. Esse é um grande ganho – de extrema importância. Porém, na estrutura social em si, ainda soa como utopia. Acredito que o público que consome arquitetura e design é, em sua grande maioria, composto de pessoas brancas. Nós negros temos e devemos que ocupar os lugares que não nos deram o direito de ocupar, porém essa inversão não será bem-vinda pela elite branca. São questões estruturais cujo interesse em querer mudar é somente nosso.”

Janderson Azevedo **(@jand3rsonazevedo)**

O arquiteto está baseado em Camaçari, na Bahia. De lá ele entrega e faz acompanhamento de execução de projetos acústicos. Em 2020, resolveu botar o bloco na rua e alçar voo solo em escritório próprio com projetos que são 100% de sua autoria.

“Viver de arquitetura é um trabalho árduo, pois, além de muita dedicação, sinto que para colher bons resultados no mercado baiano, você precisa de conexões e isso não é algo comum na vida de quem não é rodeado de privilégios. Tenho fé que, sim, nós pretos precisamos cada vez mais de oportunidades para mostrar que somos tão capazes quanto todas as pessoas que já nascem cheias de privilégios e não precisam enfrentar várias barreiras para conviver nessa sociedade que discrimina e quer nos limitar. E para termos essas oportunidades e cravar nosso espaço, precisamos falar mais sobre essas questões. Esse movimento é um começo lindo, mas ainda há muito para ser feito e conquistado. Os es-

desta revista, me enchem de esperança de podermos cada vez mais encontrar inserção no mercado. Eu acredito sim que o movimento #BlackLivesMatter pode começar a visibilizar profissionais negros em áreas vistas como elitistas, entre elas a arquitetura. Valorizar vidas negras também significa para mim valorizar profissionais

pretos, para que possamos ocupar espaços antes negados a nós. A arquitetura foi possível para mim porque tive oportunidades e tive a chance de escolher qual carreira eu queria para a minha vida, mas não são todos os meninos negros de bairro pobre que conquistam o que conquistei e nisso acho que o movimento pode ajudar. Penso que o aumento e a visibilidade de profissionais negros também pode trazer novidade e frescor para arquitetura, seja resgatando itens da arquitetura vernacular africana, seja se inspirando em movimentos artísticos como o afroturismo, ou até mesmo buscando referência na cultura afro brasileira, trazendo materiais formas e cores para os projetos. Outro aspecto seria começar a democratizar a arquitetura, pois é muito mais do que uma expressão artística – é também, uma forma concreta de levar qualidade de vida a todos, incluindo as camadas mais pobres da nossa sociedade, onde ainda figuram boa parte das pessoas pretas do nosso país. O fim do racismo parece distante mas não é uma utopia. Penso que é uma construção lenta, visando as próximas gerações.”

Ester Carro **(@ster.carro @fazendinhando)**

A arquiteta é mestre em Planejamento Urbano, líder comunitária e professora. Co-fundadora do Fazendinhando, movimento social no Jardim Colombo, SP, já teve o trabalho elogiado por Francis Kéré, um dos nomes mais premiados do circuito. “Os arquitetos e urbanistas devem estar mais próximos da cidade informal, das tomadas de decisões, do planejamento territorial con-

ARYELLE SOUZA (@ARYELLESOUZA | @ARCHVIZ3D)

LUCAS DE ABREU (@LUCAS.DE.ABREU | @SILVARIUM.ET.AL)



GABRIELA LEANDRO PEREIRA (@GABRIELAGAIAA)



DANILO DE PINA (@DANILODEPINA_ARQ)

NATASCHA VITAL (@AZAVITAL_ARQSOCIAL)



CEZAR MENDONÇA (@CESAR_ARQUITETURA | @ARQCEZARMENDONÇA)



DAUANE SANTANA (@DAUTOPIA_ARQ_URB | @COLETIVO.CAMALEAO)



CILLA BONFIM (@CILLABONFIMINTERIORS)



tribuindo não apenas com desenhos mas na criação de redes e conexões para uma sociedade mais justa. Como podemos desenhar, por horas, para determinada classe social e fechar os olhos para o que está ao lado? Tratar como territórios invisíveis aquilo que às vezes é separado por um muro. Precisamos criar políticas públicas para habitar com dignidade. Como arquiteta da favela, acredito nas ferramentas da arquitetura e do urbanismo para o desenvolvimento da nossa cidade, do nosso Estado e do nosso País.”

Karine Venceslau (@karinevenceslau.arq)

Aos 29 anos, ela é soteropolitana, graduada em arquitetura pela Federal da Bahia com pós-graduação em arquitetura comercial e visual merchandising. Atua no mercado residencial e comercial – com foco e experiência em farmácias de manipulação. A profissional se define como uma pessoa de mente inquieta, uma camaleoa que gosta de mudanças e transformações e esses

escancarar o racismo. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Temos que discutir e criar ações e oportunidades para inserção dos profissionais negros no mercado de arquitetura ou em qualquer outra área. Acredito e foco nessa mudança, mas, infelizmente, reconheço que ela será lenta.”

Riva Feitoza (@rivafeitoza.arquiteta @arquiteturaparaopovo @canesergipe)

Nascida em Aracaju, a arquiteta e urbanista de 53 anos tem forte atuação na militância por uma arquitetura mais plural e inclusiva. Ela coordena o projeto Arquitetura para o povo – dedicado a layouts para as zonas periféricas da cidade como bairros, ocupações, loteamentos e quilombos. Também é idealizadora do CANE Sergipe, coletivo de arquitetos negros, e membro conselheira do IAB Sergipe e GETEQ/UFS. “A arquitetura tem que ter uma nova linguagem, e não é porque tivemos a pandemia: esse ressig-

Ruan Lima (@arq.ruanima) Pernambucano de Olinda, o arquiteto de 27 anos está há cinco anos em atividade e tem expertise de sobra em projetos arquitetônicos e de interiores para formatos residenciais e corporativos executados na sua cidade natal e região. “Acredito que por conta da elitização presente na arquitetura, tanto por parte dos profissionais como dos contratantes, esse processo reflete também na questão racial e social. O mecanismo que uso é o conhecimento – acredito que mostrando meus saberes e minhas habilidades posso convencer as pessoas do valor que é minha competência e driblar o preconceito e a falta de oportunidade, que são grandes. Acredito também que a representatividade é primordial nesse processo. Eu, por exemplo, não tive representantes negros na minha profissão. Não estudei arquitetos negros na faculdade. O nosso desafio, da minha geração, é de colocarmos essas representações para as futuras gerações que virão e assim mudarmos a realidade.”

ciência Negra que discutia como o racismo se estruturava na nossa sociedade. Conhecer personalidades negras como Mandela, Malcolm X, Rosa Parks, Zumbi, Milton Santos, Luther King e Steve Biko foi muito importante para mim. Existia sempre uma certa superioridade por parte de alguns colegas. Já cheguei a escutar que a parte pensante de um trabalho não era minha. Quando você é jovem e não tem um preparo psicológico para essas questões, ou pior, não entende que isso acontece por você ser negro e pobre, é devastador e pode até te fazer perder o rumo na universidade. Após a finalização do curso é ainda pior, pois é difícil alguém aceitar a sua capacidade. Perguntas como: Você já é formado? Leu o briefing todo? Veja com fulano (arquiteto branco) o que ele acha? Todos estes questionamentos são bem comuns e perversos, pois tiram a nossa autonomia e autoconfiança. E ainda hoje existe um certo receio por parte dos funcionários de uma empresa que presto serviço de me apresentar como arquiteto para um fornecedor

res e projetos preventivos contra incêndio, todos auxiliados por softwares de tecnologia BIM. “Infelizmente ainda hoje vemos a arquitetura relacionada a um sistema muito elitista, onde a visão dos projetos de arquitetura é tida como feita para pessoas de uma determinada classe ou cor. Os desafios começam desde a formação nas universidades: somos poucos dentro delas e quando estamos lá, o ideal de sucesso na profissão pouco é representado por profissionais pretos. Não basta apenas experiência, é preciso sempre procurar referências que me façam sentir representada, utilizar da arquitetura não só como forma de expressão, mas também como forma de posicionamento. Se dou valor e fortaleço o trabalho das pessoas, onde me sinto representada, entendo que também fortaleço o meu trabalho.”

Luciana Morais (@morais.arquitetura)

Baseada em São Paulo, ela encabeça o escritório Morais Arquitetura. A arquiteta é formada e pós-gradu-

almente em eventos e seminários online. Estamos distantes do objetivo que é estabelecer a igualdade mesmo diante da diversidade de povos. Na prática, acredito mesmo no poder da autorreflexão e do autoconhecimento que cada ser humano pode realizar sobre as respectivas histórias, ancestralidades, tomando nota dos privilégios que possui e fazendo a diferença no próprio nicho principal de convívio. Os conselhos de arquitetura não apresentam recortes raciais até hoje, o que impossibilita a fomentação de políticas antirracistas. Onde estão os arquitetos, professores de arquitetura e referências negras? Apoio projetos que ajudam a dar visibilidade à causa e aos profissionais pretos, como este aqui! Além do Arquitetas Negras, Arquitetas Invisíveis e Arquitetas e Arquitetos Negros pelo Mundo, sugestões para conhecermos e contribuirmos existindo!”

Cézar Augusto Figueredo (@cezาร์fig @136.arq @desembola_decor @ventinadesign)

numa menção sobre raça. É um dos exemplos de como essa questão é sempre apagada em nosso meio. A forma como a arquitetura é estruturada hoje – do ensino à divulgação de projetos, passando pelos seus critérios de valoração pelos pares, beneficia e fomenta a reprodução de um recorte específico de linguagem, códigos e símbolos, referentes a uma camada social elitizada, que via-de-regra não inclui pessoas pretas (e talvez explique porque todos os projetos parecem saídos de uma mesma prancheta). Qualquer ação antirracista para ser propositiva envolverá dinamitar essas estruturas. Hoje os poucos negros que são celebrados no establishment irromperam em pequenas frestas dessas estruturas. É preciso mais do que ceder espaço para outras vozes ressoarem no mercado – é preciso reconstruir essas noções do que é a arquitetura a ser celebrada. Precisamos de novas visões, referências e inspirações e não teremos enquanto elas surgirem de seletos estratos da sociedade.”

gibilidade urbana e habitacional que existe nas periferias. Nesse tempo de intolerância e desgoverno que estamos vivendo, e no meio de uma pandemia, é muito difícil focar em apenas uma questão enquanto assistimos a cada dia uma série de horrores acontecendo. Entretanto, acredito que somente a união entre técnicos e a população pode gerar algo que perdure. Criar uma espécie de manifesto arquitetônico e social do nosso tempo, considerando nossas dores e nossas questões. De todo modo, estamos, sim, no caminho de construir uma arquitetura mais inclusiva. Já podemos ver a pauta social se destacando dentro do setor. Entretanto, ainda sinto falta de ações massivas mais efetivas e voltadas a assegurar os direitos básicos constitucionais.”

Aryelle Souza (@aryellesouza @archviz3d)

A curitibana de 30 anos estudou Arquitetura na Federal do Paraná. Após oito anos de trabalho em um escritório, alçou voo solo para desenvolver projetos e também



traços se casam perfeitamente com o que acredita ser arquitetura: algo mutável, personalizável, fora da caixa e sem “padrões” a seguir. “No início fingia que não via as situações de racismo, mas depois de um tempo passou a incomodar e parei de frequentar locais, me afastei de pessoas. Hoje vejo que essa fase fez parte do meu amadurecimento e agora estou fortalecida para impor e enfrentar esse sistema. Acredito que o movimento #BlackLivesMatter foi um grande divisor de águas – temos um caminho longo pela frente. Primeiro existe a triste mania/cultura de minimizar e/ou ignorar o que acontece aqui e só darmos atenção às situações que ocorrem fora do país. Segundo, vejo muitas pessoas e empresas postando hashtags e fotos – se utilizando da situação para marketing quando, no fundo, sabemos que não estão abertos ao diálogo. O primeiro passo foi dado:

nificado já passou do tempo. A arquitetura é para todos, esse é o nome do meu projeto, é a realidade da arquitetura futura. Qualidade de vida não se resume só à medicina – a arquitetura também possui papel fundamental. A moradia digna proporciona qualidade de vida, no aspecto físico e mental do ser. Iniciei a profissão justamente atendendo essa base da pirâmide social do meu estado. Isso já faz 16 anos. Como arquiteta e urbanista costumei dizer que a realização do planejamento urbano sem considerar garantir o básico, como saneamento, para a classe que mais necessita e ocupa aquele espaço, é realizar mais uma política pública maquiadora. Tenho convívio diário em bairros periféricos da cidade e ocupações. É algo que a arquitetura elitista nos castra de sentir. Sou partidária da arquitetura que transforma e traz saúde.”

Jordeson Silva (@js.arquitetura.e.cenografia)

O soteropolitano de 32 anos é arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal da Bahia. Há cinco anos ele atua na área da arquitetura e cenografia por meio da JS Arquitetura e Cenografia. “Não sei dizer de onde tirei essa profissão, já que eu nunca tive nenhuma referência na minha família. Essa narrativa foi se fortalecendo na minha cabeça, e eu não fazia ideia do desafio que eu tinha pela frente, considerando a minha posição na sociedade – pobre, estudante de colégio público e preto. Estudei muito no ensino médio, e tive uma ajuda que hoje considero fundamental para o meu ingresso na universidade. Conheci o Instituto Cultural Steve Biko, espaço criado em Salvador, em 1992, para fomentar a entrada de jovens negros nas universidades. Lá cursei a disciplina Cidadania e Cons-

ou cliente, o que irremediavelmente afeta a minha autoestima, no entanto, também me fortalece, pois sei que se ocupo a posição é por ser muito bom no que faço, caso contrário já haveria um branco no meu lugar. Acredito que a minha maior arma para vencer o racismo seja fazer o meu trabalho com bastante competência e estar sempre focado em melhorar.”

Joyce Anacleto Eufrazio (@joyceanacletoeuf.arq @deforma_projetos @lojaonaoficial)

Natural de Jaguaruna, cidade a 160 km de Florianópolis, aos 25 anos de idade ela é formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina e atua há um ano no mercado catarinense em sociedade com a engenheira civil Cristini Rebelo, pelo escritório Dê Forma, por meio do qual realiza layouts residenciais, interio-

ada em gerenciamento de empreendimentos da construção civil, ambos pela Universidade Mackenzie. A profissional laureada pela Healthy Building Certificate, selo da construção saudável, atuou por mais de 10 anos como gestora de projetos e obras nas áreas de engenharia e arquitetura de grandes empresas do setor corporativo. “O movimento #BlackLivesMatter repercutiu mundialmente e ponto, isso é um fato. Mas será que a maioria da sociedade, física e jurídica, aproveitou o momento para reflexão sobre toda a história da luta antirracista que aquele assassinato americano representou? Muitos apenas se utilizaram da ‘moda’ para se destacarem comercialmente, infelizmente. Acho que cada país carrega as suas particularidades culturais em relação ao tema racismo e, especificamente na arquitetura brasileira, notei o tema sendo inserido

Arquiteto, designer e pesquisador, ele é mineiro natural de Itabirito, com as bases fixadas em São Paulo. Cézar desenvolve layouts em escadas variadas – de residenciais, interiores e corporativos ao design de objetos – além de lecionar em faculdades de arquitetura. Também comanda a Desembola Decor, que fez sucesso durante a pandemia com a consultoria de projetos de decoração online e a Ventina Design, onde conceitua propostas de mobiliário infantil com materiais alternativos, metodologias de design circular e fabricação digital. Suas criações desfilam em showrooms e mostras aclamadas do circuito, como Paralela Gift, Dmais Design, Casacor, Morar Mais por Menos, Instituto Tomie Ohtake, MuBE e até no INHOTIM. “Nos resultados disponíveis para consulta do último Censo, promovido em 2012 pelo CAU, não há ne-

Larissa Paiva (@estudiohabitar_) Baseado em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, o Estúdio Habitar é tocado por Larissa Paiva, militante da arquitetura inclusiva formada pela Estácio. A profissional busca dar relevância junto à população que mais necessita de melhoria habitacional. Ela também criou um canal nas redes sociais para mostrar o trabalho, além de dar dicas e apresentar ao público algumas soluções e novidades com o intuito de deixar os serviços arquitetônicos mais acessíveis. “O movimento #BlackLivesMatter levanta uma série de questões de vulnerabilidade da população negra, e nos faz olhar para dentro das comunidades. Em um primeiro momento, para a violência e o abuso das autoridades mas, aprofundando esse olhar, tornam-se bem nítidas as demais questões. O coronavírus também trouxe à tona muito da fra-

comandar o Archviz3d, onde realiza ilustrações 3D para arquitetura. Sua irmã mais jovem, Thallita Souza, trilhou a mesma profissão – adendo relevante quando se trata de famílias negras. “Os desafios começaram antes mesmo da faculdade – somos poucos (quase nenhum) negros ocupando esses espaços. No decorrer do processo, precisei entender mais profundamente a minha história, e agradecer nossos ancestrais que lutaram para que hoje eu pudesse ocupar esse lugar. Após a graduação, um dos maiores desafios é precisar demonstrar constantemente que temos a capacidade de exercer essa profissão para algumas pessoas que não estão acostumadas a ver uma negra nesse papel de arquiteta, profissão tão elitizada. O arquiteto/urbanista é responsável pelo planejamento das cidades. Parte da distribuição das cidades é reflexo

do racismo estrutural. Estudando a história da população negra no pós-abolição e analisando quais foram os espaços na cidade que elas ocuparam, percebemos como isso se reflete até os dias de hoje, em que a periferia, em sua maioria, é negra. A periferia, que é um dos principais centros da violência contra as pessoas negras. O trabalho do arquiteto precisa se aproximar dessas áreas. É necessário pensar as questões raciais no âmbito da cidade. Precisamos de políticas públicas efetivas de combate à desigualdade racial. E esse debate deve ser de toda a sociedade. Além disso, nós precisamos ocupar os espaços, e lutar para que nossos filhos e as próximas gerações possam viver numa sociedade antirracista.”

Lucas de Abreu (**@lucas.de.abreu** **@silvarium.et.al**) Arquiteto e urbanista pela FAU-UNB e Master of Science em Advanced Architectural Design pela Columbia University (GSAPP 2015) — bolsista CAPES e Fundação Lemann. Na Columbia University colaborou em pesquisa para Kenneth Frampton e em projetos com André Jaque no escritório Office for Political Innovation, ambos em Nova York. Em 2016 foi arquiteto da Companhia de Desenvolvimento Habitacional do DF (CODHAB), onde teve a oportunidade de elaborar propostas de habitação no Sol Nascente Trecho II e na Estrutural. Atualmente leciona disciplinas de

a expansão universitária. Portanto, talvez o primeiro repertório que adquiri de arquitetura negra veio de colegas, ainda estudantes. Creio que construímos esse repertório juntos, baseando-se uns nos outros, consciente ou inconscientemente. Acredito que teremos reverberações positivas do #BlackLivesMatter na arquitetura. Porém, o cenário brasileiro é um pouco diferente. Muitos negros ainda não se vêem com uma identidade negra a ponto de pautarem essas questões. Na arquitetura não é muito diferente. Ainda assim, acredito que isso esteja mudando e vejo cada vez mais a pauta racial na prática arquitetônica.”

Danilo de Pina (**@danilodepina_arq**) Natural de Luanda, o angolano de 35 anos chegou ao Brasil em 2008 para estudar na universidade Fumec. No mercado desde 2014, ano em que estreou na mostra Casacor MG, o arquiteto é expert em projetos e retrofits voltados para o segmento residencial. “Há necessidade de se fazer um aprofundamento na arquitetura vernacular de cada região, estimulando os alunos a pensar formas de aplicar os diferentes materiais disponíveis em cada lugar, originando assim projetos mais sustentáveis, tanto em termos de arquitetura como logísticos. Cabe aos futuros arquitetos serem pró-ativos ao buscar entender como era feito no passado, o que gera uma pesquisa rica. Isso vai permitir que entendam

Pesquisa Lugar Comum e o Grupo de Estudos Corpo, Discurso e Território. Os seus trabalhos versam sobre narrativas, histórias, memórias e epistemologias produzidas sobre a cidade e seus apagamentos, aproximando-os do debate étnico-racial e de gênero. Foi vencedora do Prêmio de Teses da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (2017), com trabalho intitulado “Corpo, discurso e território: Cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus”. É integrante da Coletiva Terra Preta.

“Sou neta de um avô marmorista e outro cavouqueiro, que trabalha em obras de infraestrutura urbana. Mas o curso de Arquitetura foi durante muito tempo elitista. Ainda que se debruçasse a pensar também nas questões sociais, ou em um planejamento mais democrático da cidade, a grande maioria dos profissionais desta área pertenciam a uma certa elite econômica ou intelectual. Somos uma profissão que elege gênios, enaltece exceções, reproduz hierarquias e violências de classe, raça e gênero. Acho que a desmistificação está muito relacionada a um reposicionamento de prioridades, valores, agenda política. Um deslocamento do campo do privilégio para a seara dos direitos. Acabamos de ver um crime com características semelhantes [ao assassinato de George Floyd] acontecer em Porto Alegre, no entanto seguimos sem grandes

tão fundiária, por exemplo. Sem falar nos herdeiros da Lei de Terras de 1850. Arquitetura não existe sem terra, terreno, lote. Para mim não faz sentido pensar em políticas antirracistas para a prática da arquitetura que não tome a questão fundiária como condição para começar essa conversa.”

Cilla Bonfim (**@cillabonfinteriors**) Formada pela Universidade Veiga de Almeida do Rio de Janeiro graças a uma bolsa de estudos, a carioca é colunista do blog Revestindo a Casa e dona da biblioteca 3d Sketchup. Ela começou na carreira pelo caminho inverso. Antes de ingressar na faculdade, a profissional passou por duas lojas de planejados, o que agregou experiência na área que seria sua futura profissão. Com um design que aprecia a figura negra que se apresenta na forma de arte nos ambientes, suas propostas são ecléticas, desde que mantenham sua identidade. “A arquitetura é pautada em cima da raça, absolutamente. Temos monumentos, bustos e avenidas batizadas com nomes de saqueadores e assassinos. Fui criada por uma madrinha branca que, por ingenuidade, nunca me alertou o que eu poderia enfrentar. A escolha de ser designer de interiores foi recebida com alegria. Mas ao ingressar na faculdade, as diferenças sociais já se fizeram bem presentes e ali eu percebi que ser a melhor da turma era de longe o que era necessário. Ser uma mulher preta

Em meu trabalho, não uso a figura do negro como pano de fundo, mas como peça central. Abraçar toda oportunidade que se faz presente e ocupar espaços majoritariamente brancos é o início da mudança para educar olhos alheios. Não é e jamais será uma questão de medir forças, mas de acostumar a sociedade a nos ver em cargos de liderança e não somente como figuras subservientes.”

Natascha Vital (**@azavital.arqsocial**) A arquiteta encabeça o projeto Azavital Arquitetural Social, na cidade de Ribeirão Preto, em SP. Ela também trabalha em várias vertentes artísticas. É pesquisadora dos temas afrofuturistas; batuqueira do Maracatu Baque Mulher de Ribeirão Preto e do grupo Maracatu Navegante; participa do Afoxé Omó Orùnmílá; e há anos milita em movimentos e projetos sociais e culturais na cidade de Ribeirão Preto e Região. “Quando falamos de arquitetura e urbanismo muitos ainda entendem que trata-se de algo distante da ideia de políticas públicas e da ocupação com dignidade das cidades. É importante a aplicação das leis de incentivo à habitação social, conscientização e cursos de formação específicos em ATHIS para arquitetas e arquitetos, e viabilizar financeiramente projetos urbanos que contemplem as periferias e democratizem os centros urbanos. Acho muito importante que todas as discussões tenham impacto mun-

dial. Mas acredito que precisamos mobilizar mais as ações referentes aos movimentos pró-equidade social e racial para termos perspectivas reais de melhora em vários campos do conhecimento, inclusive na arquitetura brasileira. Como estas políticas antirracistas poderiam ser aplicadas na prática? Ou isso é uma utopia? Essa pergunta é o que estamos na busca, mas eu parto do princípio que é necessário o povo preto resgatar sua própria história, sua origem, seu próprio sistema de existência para repensar as políticas de forma efetiva e organizada.”

Cezar Mendonça (**@cesar.arquitetura** **@arq.cezarmcesar**) Paulistano do Tucuruvi, bairro da zona norte de São Paulo, ele iniciou a formação no Mackenzie e concluiu na Universidade Cruzeiro do Sul, em 2013. Hoje, é graduando em engenharia no Instituto Federal de São Paulo. A sua jornada na arquitetura começou na faculdade, quando estagiou com projetos de urbanização na CDHU. Já formado, trabalhou para Defensoria Pública com moradores carentes em regularização fundiária, sendo essas experiências fundamentais para tornar a sua arquitetura mais humana – o que o fez trabalhar, nos últimos anos, com projetos de qualidade para as classes de trabalhadores nas periferias. “A luta dos negros não se restritivo a um aspecto da sociedade, mas sim a todas as faces do cotidiano

do povo preto. Claro que o racismo é latente na vida profissional do arquiteto negro, a primeira grande luta é a inserção dos negros em alguns cursos universitários, ainda há poucos estudantes pretos nas universidades em cursos mais elitizados, não é incomum ser um dos únicos negros na sala, o que foi meu caso. Claro que são inegáveis os avanços ocorridos nos últimos governos progressistas desde 2003 até o impeachment, mas ainda existem muitas barreiras. Por isso que movimentos como o #BlackLivesMatter são fundamentais para descortinar o racismo estrutural em todos os aspectos da vida do povo preto, o que reflete diretamente na arquitetura, já que com essa luta o negro deixa de ser coadjuvante no debate e passa a ser visto como protagonista de sua própria história.”

Dauane Santana (**@autopia.arq.urb** **@coletivo.camaleao**) Baseada em Sergipe, a arquiteta e urbanista tem como principal campo de atuação e pesquisa a gestão e o planejamento urbano participativos e a sustentabilidade – ela ama fazer mapas e desvendar territórios invisíveis – e desenvolve projetos arquitetônicos, urbanísticos e de geoprocessamento. A mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Sergipe é presidenta da ONG Coletivo Camaleão. “Sempre enxerguei um poder muito grande nos movimentos coletivos tendo em vista que nossa sociedade promove o individualismo em tantos campos sociais, assim como acontece na arquitetura, no planejamento urbano e no design. Apesar do #BlackLivesMatter ter se popularizado equivocadamente, em alguns lugares e por pessoas que não conseguem compreender a dimensão da luta racial, acredito que o movimento é necessário e que trará bons reflexos em muitos segmentos da sociedade, pois é fundamental sempre resistirmos, reivindicar igualdade e sermos vistos

para então conseguirmos mudar a nossa representação histórica nos mais diversos campos profissionais. Representatividade importa, sim! Nossos saberes e vozes precisam ser valorizados, e creio que, dessa maneira, as pessoas irão reconhecer nosso potencial como parte de uma comunidade que sempre vem lutando por expansão.”

Kesley Santiago (**@artek_design**) Com formação em Design de Interiores pela Escola Panamericana de Arte e Design e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, ela completou seus estudos com especializações nacionais e internacionais que lhe conferiram visão holística de negócios para que fundasse o escritório Artek, na Vila Madalena, em SP. A arquiteta paulistana carrega aprendizados de mais de 10 anos de profissão atuando com projetos residenciais e comerciais em grandes empresas do segmento, estabelecendo assim um conhecimento sólido em criação, desenvolvimento de projetos e execução de obras de pequeno, médio e grande porte. Está sempre atendida ao mercado e as suas constantes transformações, além de acumular a memória de mais de 20 países percorridos ao redor do mundo, transmitindo em seus projetos criatividade, inovação e design, com excelência e sofisticação. Sua paixão está em traduzir o desejo de cada cliente em espaços únicos e cheios de personalidade, concretizando sonhos e tornando-os habitáveis.

“A discussão em torno do #BlackLivesMatter tem gerado reflexos positivos também na Arquitetura. Entretanto, para mim, não há como aplicar estas práticas antirracistas na Arquitetura sem que antes elas estejam totalmente enraizadas na sociedade. O racismo não pode e não deve ser tratado por segmentos, mas sim como um problema estrutural da sociedade, de sua formação e mentalidade. É preciso que haja uma discussão real sobre a construção social do racismo no Brasil, para que então as prá-

Projeto e Representação no Centro Educacional UniEURO, em Brasília, e também realiza projetos de arquitetura e paisagismo.

“Sou de Brasília, então a arquitetura sempre esteve muito presente em minha vida. Porém, quando ingressei no curso de Arquitetura e Urbanismo não via referências negras. Então, houve um grande descompasso entre o que eu via na história e arquitetura da cidade com o que eu era e minha própria vivência. Por outro lado, o ambiente da universidade estava se tornando mais plural, com as políticas de cotas e

os sistemas construtivos, materiais utilizados e formas de utilização. O desafio será combinar o passado com o contemporâneo. A reversão deste implica que os novos e futuros arquitetos não esperem que a mudança parta exclusivamente das instituições de ensino.”

Gabriela Leandro Pereira (**@gabrielaiaa**)

Ela é professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA, arquiteta e urbanista formada pela UFES. Mestre e doutora pelo PPGPAU/FAUFBA, onde integra o Grupo de

impactos na sociedade brasileira. Acho que temos um contexto diferente no Brasil, o que não quer dizer que não tenha gente, grupos, movimentos que historicamente são comprometidos com a luta antirracista. Mas o racismo à brasileira tem características específicas, dissimulado, que se apoia na meritocracia e no mito da democracia racial para continuar sustentando privilégios e hierarquias construídos à base de muito massacre e sangue negro e indígena. Acho impossível falar de arquitetura ou de urbanismo sem tocarmos na ques-

numa área tão branca e elitizada, com gente ostentando seus sobrenomes europeus assusta, porém, minha vontade de transformar minha paixão em profissão era maior do que qualquer barreira. Não fecho os olhos para o racismo, não é fingindo que ele não existe que ele deixará de existir. Quanto mais avançamos, mais devemos cobrar para que negros tenham oportunidades, salários e reconhecimento iguais aos brancos dentro do espaço que ocupamos. Não somos somente a ‘tia do cafezinho’, com todo respeito a estas profissionais.

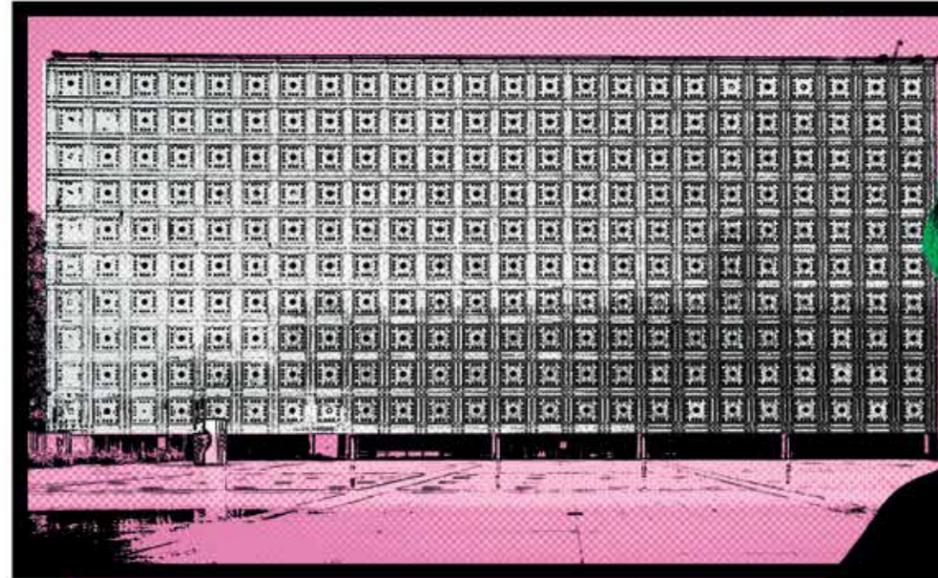
ANUNCHESTRABRILDADE



KESLEY SANTIAGO (@ARTEK_DESIGN)



INAIARA VICÊNCIA (@INAIARAVICENCIAARQUITETA)



MIRIAM DIAS (@ARQUITETAMIRIAMDIAS)



FRANCINE MOURA (@FRANCINEMOURA_ART)



FABIANA MATOS (@FABIANAMATOSARQUITETA)



NATHALIA SIMÕES SANTOS (@STUDIONS2)



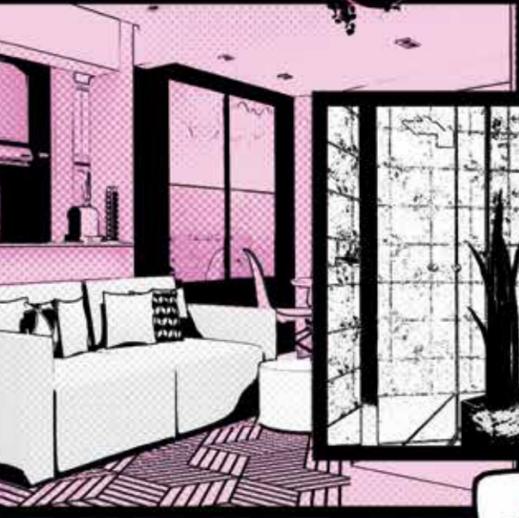
JULIANA SANTOS (@J09STUDIO)



AMANDA MARCELINO (@ARQ_STONE)



BETH GARCIA (@BETHARQUITETA)



VITORIA DENIA (@ARQUITETURADECRIOLA)

ticas antirracistas sejam realmente reconhecidas como necessárias e incorporadas à sociedade. Teorias e práticas racistas estão impregnadas na memória da sociedade e nos seus atos, então a primeira desconstrução deve ser social e em seguida ela será naturalmente absorvida por grupos, segmentos e áreas.”

Inaiara Vicência (@inaiaravicenciaarquiteta)

Nascida em Criciúma, SC, aos 29 ela é formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, e trabalha no circuito desde que era estagiária em escritório de arquitetura quando ainda recém-chegada na graduação. Esta fase de aprendizagem na prática foi essencial para a profissional que se tornou. A experiência, acumulada nesses últimos 11 anos, ela aplica nos projetos arquitetônicos e interiores autorais, tanto na cidade natal como em Florianópolis, entre outras localidades do estado catarinense.

“Nasci e cresci em uma região de colonização predominantemente alemã e italiana, minha mãe fazia jornada dupla e eu tive a oportunidade de estudar e me formar em colégio particular. Dentro desse contexto me vi sempre como uma das únicas pessoas negras nos ambientes que frequentava e na arquitetura não foi diferente. Hoje, percebo que me destacar como mulher negra na área da arquitetura é abrir caminhos e portas e tentar ser, quando possível, referência para outras jovens que sonham em seguir o mesmo caminho. Uma referência que eu não tive. Sinto que em alguns momentos as pessoas se surpreendem em saber que essa é a minha profissão e quando isso acontece consigo perceber que o sistema estruturado, infelizmente, existe. Acredito que toda discussão sobre o racismo é válida, inclusive, na nossa área da arquitetura, porque nos faz refletir sobre como estamos sendo representados dentro do mercado de trabalho, quantos profissionais negros bem sucedidos vemos em publicações e têm destaque na mídia, por exemplo? Ainda temos um bom caminho para percorrer e acredito que discussões geradas a partir do movimento #BlackLivesMatter nos ajudam a atravessar essa estrada.”

Amanda Marcelino (@arq_stone)

A brasileira de 23 anos é formada pelo Centro Universitário UDF. Dona do lema “se você pode sonhar, você pode realizar”, ela atua no mercado desde o terceiro semestre da graduação em arquitetura.

“Fiz alguns testes vocacionais que me direcionaram para a arquitetura. Mas me vi em um impasse: na época não tinha como pagar uma faculdade particular e nem estudar na UNB em período integral, já que teria que trabalhar para me sustentar. Foi aí que me dediquei para conseguir uma bolsa de estudos – e deu certo. Sempre batalhei muito, pois enquanto meus colegas tinham todos os materiais da aula de desenho, eu só tinha a lapiseira e o papel, pegava material emprestado, fazia maquetes com materiais reciclados, mas conseguia me virar. Até que arranjei um estágio nos primeiros semestres, e fui conhecendo pessoas que me ensinaram tudo que sei hoje e sou muito grata a isso. Sou uma arquiteta e empreendedora com muitos sonhos e objetivos, alguns já realizados e outros não. Mas nada foi em vão, devo tudo a Deus!”.

Juliana Santos (@j09studio)

A paulistana está fixada no Jardim São Luiz, região periférica na zona sul de São Paulo. Ela teve toda sua trajetória acadêmica em escolas públicas/estaduais. Em 2013, ingressou em uma universidade particular para graduação em arquitetura e urbanismo, finalizando seu ciclo na instituição em 2017 com a defesa do trabalho “Arquitetura e urbanismo como mediadores para integração e interação social”, tese esta que foi exposta no Encontro Latino-americano de Arquitetura Comunitária em La Plata-Argentina. Juliana é sócia-fundadora no J09 Studio e futura conselheira suplente no Conselho de Arquitetura e Urbanismo, eleita pela chapa CAU+Plural. “Acredito que o movimento #BlackLivesMatter pode gerar reflexos propositivos na arquitetura brasileira, pois quem não tem percepção já morreu e não sabe! Rsr-rs Brincadeiras à parte, acreditar na mudança é fazer a mudança – o que não podemos é acreditar que o Estado fará isso por nós de livre e espontânea vontade. A arquite-

tura brasileira é racista desde a senzala ao quarto de empregada no apartamento de luxo que é aprovado como depósito; é racista desde as três horas que gasto dentro do ônibus para chegar do trabalho à casa sem acabamento e ao banheiro sem janela. Para mim, falar de políticas antirracistas, dentro da arquitetura e urbanismo, é falar principalmente de HIS, assistência técnica (ATHIS) e urbanizações de favelas, considerando que a maioria da população negra no Brasil é pobre, segundo pesquisa realizada pelo IBGE. Primeiramente podemos falar da apropriação dos grandes investidores sobre a produção de HIS, que virou uma máquina de fazer lucro, no mercado chegamos a ver ‘moradia popular’ de 24m², ou menos, com banheiro sem janelas e um dormitório que se divide entre sala e cozinha, em termos de espaço útil, esses modelos remetem muito ao que vi durante toda minha vida na periferia. É necessário olharmos com mais atenção e cobrar-mos do poder público debates participativos que discutam sobre o que é morar bem, sobre normativas e leis mais categóricas sobre a produção de HIS, especialmente sobre área útil, que impacta diretamente na qualidade de vida dos moradores, tomando como exemplo modelos bem sucedidos de produção, falando de São Paulo, por exemplo, os empreendimentos produzidos a partir da autogestão com os movimentos sociais e assessorias técnicas, que com o mesmo orçamento do mercado imobiliário produzem apartamentos que chegam até 60m² em contrapartida aos apartamentos de 40m² das construtoras.”

Francine Moura (@francinemoura.art)

Natural de Angra dos Reis e com 43 anos, ela estudou arquitetura e urbanismo no Mackenzie, em São Paulo. A profissional tem 20 anos de expertise por diversas escalas da arquitetura e no campo das artes visuais como carnavalesca, cenógrafa e diretora de arte. Nos últimos dois anos tem injetado amor, energia e técnica em projetos arquitetônicos e artísticos afro-referenciados: conceituou, recentemente, a Casa PretaHub, no Vale do Anhangabaú. Outro marco de sua brilhante trajetória foi assinar a

co-autoria – junto ao artista plástico Lumumba Afroindígena – o monumento em homenagem ao legado de Tebas (o arquiteto que viveu escravizado no século 18) na Praça Clóvis Beviláqua, região central da cidade de São Paulo. “Primeiramente é necessário reconhecer que hoje, de modo geral, tanto arquitetura quanto urbanismo estão a serviço dos interesses da burguesia, do capital. O desenho das cidades e o modelo de planejamento urbano vigentes não comportam com dignidade a classe trabalhadora que necessita de infraestrutura, mobilidade urbana, equipamentos e serviços públicos. Transgredir o sistema é um desafio e estamos trabalhando para reverter esse quadro. Pensar a administração pública enquanto campo estratégico de atuação de arquitetos é um caminho, pois é lá que se materializa o planejamento urbano. É necessária também a efetiva participação popular, dos movimentos sociais, da sociedade civil na elaboração das políticas urbanas de modo que gere tensionamento para que o desenho da cidade seja pauta relevante nas decisões da esfera pública.”

Miriam Dias (@arquitetamiriamdias)

Esta pauta também enaltece os pesquisadores, caso da mineira Miriam. Sua mãe, dona Izabel, 91 anos – nascida quatro décadas após a abolição e com nome comumente dado às meninas negras que nasceram depois do período escravista, como homenagem à “redentora” – lhe nutre com informações preciosas para o resgate das histórias que não foram contadas nos livros. A professora é mestre em Ambiente Construído e pesquisadora há 26 anos na Federal de Juiz de Fora. Seus estudos concentram-se nos muxarabis, influência da arquitetura africana e mulçumana. Ela também faz críticas embasadas sobre o Blackamour – os acessórios de decoração que mostram o negro sempre em condição subalterna. A evolução das cozinhas nas casas brasileiras, e o quanto o processo está diretamente relacionado à escravidão, também faz parte de seu repertório. “Precisamos desmistificar as ideias estabelecidas sobre arquitetura e urbanismo por meio do conhe-

cimento, formando profissionais comprometidos com o meio em que vivem, com um olhar aberto às necessidades urbanas e na sensibilização de todas as camadas da sociedade. Muita gente não contrata um arquiteto porque foi ensinada de que isso não é pra ela. Não é apenas por ignorância, foi edificada uma estrutura que a impede de ter acesso a diversos produtos e serviços. Por exemplo: duas semanas após a aprovação da Lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico de escravos negros no Brasil, foi aprovada a Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850 ou Lei de Terras, que estabelecia que nenhuma terra mais poderia ser apropriada através da força de trabalho, somente a dinheiro, o que impedia que os ex-escravizados, que foram ‘libertos’ sem dinheiro ou bens, adquirissem suas próprias terras, uma vez que seu principal (ou único) ativo era a sua força de trabalho. Com isso, estabeleceu-se por força de lei que o negro não teria o direito à moradia digna e esse entendimento tem culturalmente atravessado gerações.”

Vitória Denia (@arquiteturadecioula)

A paulistana de 23 anos é arquiteta e urbanista formada pela faculdade Anhembi Morumbi e também técnica em Edificações pelo Centro Paula Souza. A titular do escritório Arquitetura de Crioula produz formatos arquitetônicos e de interiores em escalas variadas e, recentemente, fez parte do programa #24HPraRedecorar, apresentado por Renato Mendonça no canal Discovery Home&Health. “A paixão pela arquitetura se fez quando entendi o contraste entre o cenário em que eu vivia, a organização das casas que eu frequentava (casa da minha mãe, tias, tios e minha própria casa) e as casas de amigas próximas, pois eu era bolsista em uma escola particular, onde a realidade dos meus colegas de classe era muito diferente. A arquitetura se fez em mim a partir da vontade de trazer para a vida dos meus semelhantes o que eu via na vida de pessoas um pouco diferentes, o que transcreve em mais um ponto de desigualdade da comunidade negra, sendo que eu era a única negra entre meus amigos. A desigualdade

ainda mais visível na universidade me ajudou a criar uma identidade e, principalmente, um objetivo como profissional, a ponto de atualmente me fazer iniciar na inserção de produções de projetos mais acessíveis, focados principalmente em possibilitar uma transformação na vida de pessoas negras.”

Nathalia Simões Santos (@studions2)

Filha de mãe cabeleireira e pai físico, natural de Pelotas, a arquiteta formou-se na Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, RS. Desde 2017, comanda o Studio NS 2, escritório baseado na capital paulistana onde desenvolve projetos residenciais. “A arquitetura na minha vida entrou de uma forma sutil, nunca me imaginei trilhando esta carreira, mas principalmente o que eu não imaginava era que ela seria uma profissão tão elitizada. Acho que ela colaborou bastante para que eu me conhecesse como pessoa negra e entendesse a minha posição como arquiteta preta, ser um diferencial e mostrar que sim, arquitetura é – e deve ser – para todos. No processo acadêmico sempre notei que havia poucas pessoas pretas no percurso ao meu lado: seja como professores ou colegas de sala, sendo assim fui oradora de uma turma onde de 30 formandos eu era a única negra, porém, aquilo não era algo que me chocava, pois eu sempre estive ‘acostumada’ a me ver em um ambiente onde era ‘minoria’. Com o decorrer da profissão percebi que aquilo não era normal, ou não deveria ser, tenho me descoberto como uma pessoa preta e percebido a importância da minha conquista, da minha posição na sociedade e no mercado, não só para mim, mas para mostrar que nós também somos e devemos estar ocupando esse local que mesmo em 2020 é taxado como feito para pessoas com altas aquisições. Hoje, percebo que por muito tempo tentei camuflar minha negritude, tinha medo de não ser aceita pelos clientes por conta de usar tranças, cabelo diferente, e isso me fez no início da minha carreira negar as minhas origens que para mim ainda eram desconhecidas. Com um ano de terapia fui entender o que eu estava escondendo, e o que isso poderia significar para outras pessoas ao meu lado: ser exemplo de

que, sim, temos arquitetas pretas que podem fazer trabalhos ótimos, mas hoje o que eu percebo é o reconhecimento do meu público que além de tudo se identifica comigo, com a minha forma simples de falar sobre arquitetura e de mostrar que a arquitetura pode ser um objeto para todos.”

Bethth Garcia (@bettharquiteta)

A soteropolitana de 32 anos cursou Arquitetura e Urbanismo pela Federal da Bahia e há sete anos atua no segmento. De suas pranchetas brotam desde residenciais até comerciais com assinatura que busca interpretar os anseios de quem vai ocupar o espaço, sempre com linguagem acessível – como resultado desse diálogo linear há a entrega de projetos personalizados que cristalizam o sonho da clientela. “Na UFBA, mesmo antes dos acontecimentos que impulsionaram o movimento atual, muitos professores e pesquisadores buscaram criar junto aos alunos conteúdos que nos aproximassem às nossas origens. Ainda que tenha sido pouco depois de sair da Universidade, me deixou muito feliz ver essa reflexão dentro de um mundo que é estereotipado como sendo apenas para brancos. É muito delicado falar sobre políticas públicas antirracismo, entretanto, posso afirmar que o acesso à educação de qualidade – do ensino fundamental à Universidade – poderá transformar essa realidade. Assim como ampliar as rodas de conversas sobre o tema nas escolas, possibilitaria termos jovens mais atentos ao próximo. O conhecimento é libertador.”

Fabiana Matos (@fabianamatosarquiteta)

Natural de Salvador, Bahia, ela é formada em arquitetura e urbanismo pela UFBA e cursou pós-graduação em Tecnologia e Gerenciamento de obras no Senai. Atualmente, trabalha com projetos de arquitetura e interiores, residenciais e comerciais, além do gerenciamento de obras de pequeno e médio porte. O seu mantra é acreditar numa arquitetura acessível, por meio da qual possa melhorar a qualidade de vida das pessoas, seja em pequenos detalhes de projeto de interiores ou na concepção de grandes edificações.

“Infelizmente esse racismo estrutural presente em nossa sociedade também está materializado na arquitetura. Eu, particularmente, não me recordo de nenhuma circunstância onde sofri algum preconceito de forma tão direta. Não sei se porque não ocorreu mesmo ou porque não percebi. Mas tenho relato de amigos da área que já enfrentaram condições adversas. Acredito que para combater o racismo, antes de qualquer coisa, é necessário enxergar que ele existe e falar sobre isso. Para driblar situações como essas, é preciso dar voz às pessoas que sofrem o preconceito, fazer denúncias e propor reflexões. Além de tudo isso, investir na educação para que as próximas gerações possam viver de forma mais justa.”

Tamara Vizioli (@tamaravizioli)

Dona de estilo de vida autêntico e pensamento completamente fora da “caixinha”, a brasileira de 43 anos se define como uma força da natureza em constante evolução. Radicada em Hartford, Connecticut, cidade próxima a Nova York e Boston, de lá a designer de interiores encabeça o seu estúdio e também atua como personal organizer, coach e neurocientista, convertendo toda a sua desenvoltura natural em constante experimentação no embasamento dos projetos cheios de originalidade que brotam dos seus croquis. “Acredito que uma arquitetura e um design de interiores mais economicamente eficientes e ambientalmente amigáveis podem expandir as oportunidades de moradia, cultura, lazer e conhecimento para as classes socialmente menos favorecidas. Estas políticas, de início, devem ser financiadas pelo estado como são os programas de moradia popular. Os arquitetos e designers de interiores devem fazer parte desse processo em todas as etapas.”

Israel Honório (@ih_arquitetura)

Nascido e morador de Pará de Minas, MG, o arquiteto de 36 anos é o big boss do escritório IH Arquitetura & Design. Por lá, o criativo desenvolve projetos arquitetônicos e de interiores – residenciais e corporativos –, sempre apoiado em contornos contemporâneos onde não faltam as linhas leves em acabamentos discre-

tos. Tudo arrematado com décor caprichado, com presença de obras de arte, além da abundância verdejante do paisagismo para os ambientes externos. Os trabalhos são desenvolvidos tanto em sua Minas natal, quanto nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. “Acredito que a educação sempre será o meio mais eficaz de quebrar a hierarquia racial. A partir dessa premissa trilhei o meu objetivo: ser reconhecido pela minha profissão e não desqualificado pela cor da pele. De escolas públicas às especializações concorridas, hoje, a Arquitetura tornou a minha vida, certamente, completa. Acredito sim que o #BlackLivesMatter pode contribuir com a Arquitetura. O cenário atual nos corredores das universidades brasileiras é o aumento visível de docentes pretos. Temos sim que comemorar esse novo momento, a partir daí que veremos a igualdade nas mais diversas áreas e uma maior oferta de

da Negritude. Ela participa como membro atuante das organizações de combate ao preconceito racial em Criciúma e cursa pós-graduação em História e Cultura Afro-Brasileira. “Ser mulher, ser negra e arquiteta significa estar resistindo sempre. No momento em que fui aprovada para o curso de arquitetura na Universidade do Estado de Santa Catarina, a Udesc, através da política de cotas, recebi questionamentos vindo de pessoas conhecidas, referentes ao porquê de ser cotista, sob a justificativa de que as ações afirmativas diminuem o potencial do negro. Ali já tive os primeiros indícios de que a arquitetura na minha vida representaria a resistência. Num segundo momento, aí com dois anos cursados de graduação, em mais uma atitude de negação da sociedade para com o negro em espaços de poder, fui abordada por um professor que me questionava sobre como ensinar um aluno negro que se apresente

Thaíssa Dias
(@arqthaissad)

A paulista de Carapicuíba, 24 anos, é arquiteta e urbanista formada e pós-graduada em Design de Interiores. Com experiência nas áreas de urbanismo e interiores, atualmente trabalha em escritório focado em conceituar projetos destinados ao público infantil. “A arquitetura, assim como diversas outras profissões, integra uma área elitista onde a predominância é de profissionais brancos. A sociedade em si não está acostumada a ver pessoas negras ocupando cargos nesta área. E o que devemos fazer? Ocupar cada vez mais! Meus pais sempre me ensinaram que minha cor não me faz nem melhor nem pior do que ninguém, isso fez com que eu crescesse com mais confiança a ponto de apostar nos meus sonhos, independente de qualquer preconceito, visto que meus talentos não estavam atrelados a cor da minha pele. Com menos de um ano de for-

Lorena Silva Pereira
(@lorenasilvapereira)

Formada na Universidade Estadual de Goiás com MBA em Gerenciamento de Obras, a arquiteta Lorena Silva Pereira, desde 2017, atua como gerente de projetos na Goinfra. A empresa de Administração Pública é responsável por obras rodoviárias e civis para o Estado de Goiás, além de desenvolver projetos diversos de segurança, esporte e saúde, entre outros. “As hierarquias raciais infelizmente ainda fazem parte da nossa sociedade e também estão presentes na arquitetura – precisamos discutir, ouvir, falar e estudar. Vejo que estamos passando por um processo de reflexão geral, poderia dizer um ‘processo de catarse social’ e começamos a enxergar quem somos. Tenho a esperança que ao final deste processo de ‘desconstrução’ surja uma sociedade com um novo olhar, mais fraterno, com mais

U T A

serviços. Como arquiteto sinto falta de ver colegas pretos ofertando um trabalho de qualidade nas cidades. Acredito que em breve, com o BLM, e quantos mais movimentos precisarmos, teremos um país com características econômicas melhores do que vimos até hoje.”

Michele dos Santos Maciel
(@mismaciel
@michelemacielarquitectura)

Formada em arquitetura e urbanismo pela Universidade do Estado de Santa Catarina, a catarinense atualmente exerce a função de arquiteta e urbanista no escritório próprio, com trabalhos de grande representatividade, caso do “Projeto de Restauração, Reabilitação e Revitalização da Sociedade Recreativa Esportiva União Operária” da cidade de Criciúma/SC, patrimônio material conhecido também como a Casa

tendo dificuldades. Como se ensinar um aluno negro fosse diferente de ensinar um aluno branco. E hoje dentro do meu escritório as pessoas me perguntam se é um salão de beleza. Quando não me perguntam onde está a arquiteta. Os mecanismos por mim encontrados foram o conhecimento, o empoderamento, não andar só, que envolve a luta para que outros dos meus pares estejam nesses espaços de poder. O reconhecimento, o pertencimento, o engajamento, a estratégia, a resistência e a persistência. Não posso deixar de lembrar que tive amparo familiar que me forneceu carinho, amor, estudo, educação de qualidade, empoderamento entre muitas outras coisas. Eles se sacrificaram por mim. Sou eternamente grata aos meus e farei o que estiver ao meu alcance para que toda essa situação de preconceito mude.”

mada, em meu antigo trabalho em uma loja de móveis planejados, uma cliente falou à minha chefe que ‘negros não sabiam projetar’ e depois a mesma teve que retornar e fechar o projeto conosco, alegando não ter encontrado outro tão bom. Apesar de toda tristeza que esse dia me trouxe, percebi o quanto necessito me impor em relação ao meu trabalho e, principalmente, em relação a aqueles que compactuam com o racismo – que são tão racistas quanto. Sendo assim, aquele definitivamente não era o meu lugar. A partir daí, não aceito menos que muito respeito! Hoje, digo à toda população negra que devemos estar prontos para aproveitar as oportunidades que surgem, devemos nos capacitar o dobro e principalmente: devemos nos impor cada dia mais e mais, até as pessoas entenderem que o nosso lugar é onde a gente quiser estar!”.

respeito e igualdade. “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”, diz o Artigo 01 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Outro fator importante é falar sobre a universidade no Brasil. Segundo os dados do IBGE, a população que se autodeclara afrodescendente é um pouco mais de 50% das pessoas, e infelizmente, não enxergamos esta representatividade nos bancos das universidades, e nem nos cargos de gestão e direção. Também é importante salientar que não me recordo de estudar sobre ‘Arquiteturas Afro-brasileiras’ – isto faz falta em nossa formação, precisamos de mais referências para mudarmos este panorama.”

